

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS - CECEN
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JOSE RIBAMAR LEMOS DE OLIVEIRA

ENTRE AVENTURAS, SOFRIMENTOS E A SORTE DE BAMBURRAR: O percurso histórico da migração de homens residentes na região do Médio Mearim - MA para os garimpos brasileiros (1980-1990).

São Luís – MA

2019

JOSE RIBAMAR LEMOS DE OLIVEIRA

ENTRE AVENTURAS, SOFRIMENTOS E A SORTE DE BAMBURRAR: O percurso histórico da migração de homens residentes na região do Médio Mearim - MA para os garimpos brasileiros (1980-1990).

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof. Dra. Marcia Milena Galdez Ferreira

São Luís - MA

2019

Oliveira, José Ribamar Lemos de.

Entre aventuras, sofrimentos e a sorte de bamburrar: o percurso histórico da migração de homens residentes no Maranhão para os garimpos brasileiros (1980-1990) / José Ribamar Lemos de Oliveira. – São Luís, 2019.

94 f.

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Milena Galdez Ferreira.

JOSE RIBAMAR LEMOS DE OLIVEIRA

ENTRE AVENTURAS, SOFRIMENTOS E A SORTE DE BAMBURRAR: O percurso histórico da migração de homens residentes na região do Médio Mearim - MA para os garimpos brasileiros (1980-1990).

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade estadual do maranhão como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof. Dra. Marcia Milena Galdez Ferreira

Aprovada em ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Marcia Milena Galdez Ferreira

Prof. Dra. Helidacy Maria Muniz Corrêa

Prof. Dra. Tatiana Raquel Reis Silva

*A meu avô João Batista Aguiar, a minha avó
Maria Dalva Lemos Aguiar, meus maiores
tesouros na vida, e aos garimpeiros de
Bacabal – MA.*

AGRADECIMENTO

Agradecer é a parte mais difícil de ser feita neste momento me faltam palavras para reconhecer todas as ajudas que recebi no decorrer dos quatros anos de graduação. Foram muitos momentos de tribulação, brigas, desesperança e medo com muita persistência e coragem continuei minha caminhada, o tempo todo impulsionado pela expectativa de vencer todas os obstáculos e concluir o tão sonhado e esperado curso de graduação em História.

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida, pela saúde e por sempre me abençoar, desde a saída de Bacabal - MA até a chegada e fixação em São Luís do Maranhão. Por sempre me agraciar com a presença de pessoas maravilhosas que fizeram enorme diferença na minha vida compartilhando comigo seus conhecimentos, experiencias, motivações e muito amor.

Aos meus pais / avós, João Batista Aguiar e Maria Dalva Lemos Aguiar que nunca deixaram de acreditar em mim, educando-me da melhor forma possível, ajudando-me na hora das dificuldades financeiras e compartilhando comigo palavras de incentivo, amor e acalanto. Por meio deles consegui prosseguir meus estudos na cidade de São Luís - MA. Agradeço as ligações telefônicas feitas todo santo dia para mim, sempre preocupados com o que estava fazendo, com o que iria comer e como foi meu dia.

Agradeço aos meus tios, Antônio Carlos Lemos Aguiar e Deusivaldo Lemos Aguiar, pelo esforço de sempre ajudar durante as dificuldades, por toda força e encorajamento que sempre me passaram por meio de seus ensinamentos e experiencias em relação a vida.

Aos meus anjos da guarda, George Costa Madeira, Maria Lucia Costa, Militão Madeira e família pelo apoio incondicional e amor fraterno nos momentos mais difíceis, tristes e movidos pelo medo de desistir que passei. Eu encontrei uma segunda família e eternamente serei muito grato pela ajuda, companheirismo e contribuição na conclusão de mais uma etapa da minha evolução.

As minhas queridas tias, Nadir Aguiar e Lindinalva Aguiar, pelo esforço empreendido em me acolher nos meus primeiros dias na cidade de São Luís. Ajudando-me no processo de adaptação da minha nova realidade de vida, um apoio que jamais deixarei de agradecer.

A minha querida e maravilhosa orientadora, Prof.^a Dr.^a Marcia Milena Galdez Ferreira, pela belíssima, rigorosa e majestosa orientação. Agradeço pela paciência e por ter me ensinado a amar e dar valor a pesquisa, agradeço pelos calorosos abraços e por sempre

compartilhar comigo suas alegrias, um espírito de luz que emana muitas energias positivas e ajuda muitas pessoas a construir objetivos e concretiza-los.

Aos meus colegas do Curso de História, em especial aos meus amigos mais próximos que sempre estiveram comigo nos momentos bons e ruins da vida de graduação, as aventuras, aos passeios para diversos lugares da cidade de São Luís e aos convites de aniversários que me proporcionaram momentos de aproximação com outras pessoas.

As professoras e professores do Curso de História–Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, pelos conhecimentos de ensino-aprendizagem compartilhados no decorrer da graduação e pelas oportunidades e experiências de acesso à docência.

Aos amigos da cidade de São Luís - MA, ao Bairro da Liberdade, um local que me acolheu no período em que eu mais necessitava de ajuda. Um bairro formado por pessoas simples e acolhedoras que não abrem mão de uma boa convivência. Uma comunidade cheia de cultura e fortemente ligada à religiosidade das festas do divino e do tambor de Mina fruto das religiões de matrizes africanas. ao mundo da Encantaria, que sempre me acompanhou e me protegeu, abrindo meus caminhos e fazendo de mim uma pessoa melhor.

Agradeço a todas as experiências compartilhadas comigo até aqui, por meio do Estágio supervisionado do ensino fundamental, ajudando na formação dos jovens e das jovens do Centro de Ensino Estado do Pará. Por meio da docência, consegui adentrar a experiência no campo profissional, me possibilitando reconhecer o dia a dia de um professor em sala de aula.

Foi uma experiência enriquecedora, uma escolha profissional que realmente pretendo exercer mesmo diante das dificuldades e obstáculos impostos pela atual estrutura educacional existente no Brasil. Foi um momento de total formação, interação e construção de sujeitos críticos.

Desde as aulas teóricas até chegar à tão temerosa regência, foi um momento proveitoso e importante. A prática nos leva a refletir onde devemos melhorar e nos prepara para os diversos problemas que podem surgir em uma sala de aula.

Por fim agradeço aos garimpeiros que dividiram comigo suas experiências de vida. Agradeço a todos os profissionais da educação, aos amigos e conhecidos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho monográfico.

“Essas viagens que eu fazia, era pra ver se eu criava meus irmãos, trabalhei muito tempo de roça também, pra ver se criava meus irmãos porque meu pai morreu muito novo ai fui criar meus seis irmãos, minha mãe e minha avô que era deficiente da vista, trabalhei muito pra criar esse povo, com a ajuda de Deus e do garimpo eu consegui”.

(Curuá)

“Eram tantos, que sabe lá, de onde se vinham, chegavam precisando de dinheiro e depois iam se embora, eles vão atrás de recursos, com a esperança de que lá tá dando isso e que tá dando aquilo”.

(Raimundo Queiroz).

RESUMO

Partindo das transformações que se deram no Maranhão, principalmente nas áreas rurais do Médio Mearim, a presente pesquisa busca analisar a migração de homens residentes no Maranhão, no período de 1980 a 1990 para garimpos. Estas migrações ocorriam simultaneamente com a promulgação e aplicação da chamada Lei de Terras Sarney, de 1969, que intensificou a expulsão de “posseiros” de suas terras, em prol de projetos agropecuários, da agroindústria, e da pecuária extensiva. Nos anos de 1960 e nas décadas seguintes, essas transformações no campo levaram ao fim do tempo das terras sem dono e ao início da grilagem e da expropriação. Desta forma, centenas de homens passaram a aventurar-se na busca por ouro e pedras preciosas na região Norte, e em outras regiões do Brasil e países da América do Sul onde havia garimpos. Analisaremos as representações criadas em torno das *currutelas*, cidadelas estruturadas e bem próximas do garimpo. Intentaremos identificar como se deu o retorno desses migrantes e a presença das mulheres dentro dos garimpos. Discutiremos a bibliografia disponível sobre o tema de migração para garimpo e utilizaremos como principal documentação na presente pesquisa, notícias veiculadas nos principais jornais do Maranhão e entrevistas com narrativas de homens da região do Médio Mearim - MA, que migraram temporariamente para os garimpos e que hoje residem na cidade de Bacabal – MA.

Palavras-chaves: Garimpo; Médio Mearim; Migração; Homens; Maranhão.

ABSTRACT

Starting from the transformations that took place in Maranhão, mainly in the rural areas of the Middle Mearim, this research seeks to analyze the migration of men resident in Maranhão, from 1980 to 1990 to gold miners. These migrations occurred simultaneously with the enactment and application of the so-called Sarney Land Law of 1969, which intensified the expulsion of “squatters” from their lands, in favor of agricultural projects, agro-industry, and extensive livestock. In the 1960s and subsequent decades, these transformations in the countryside led to the end of the time of unowned land and the beginning of land grabbing and expropriation. In this way, hundreds of men began to venture in search of gold and precious stones in the northern region, and in other regions of Brazil and South American countries where there were miners. We will also analyze the representations created around the *currutelas*, structured citadels and very close to the mining. We will try to identify how these migrants returned and the presence of women within the mines. We will discuss the bibliography available on the topic of migration to gold mining and use as main documentation in this research, news published in the main newspapers of Maranhão and oral history interviews with narratives of men from the region of Mearim - MA, who temporarily migrated to the miners. and today live in the city of Bacabal - MA.

Keywords: Gold panning; Medium Mearim; Migration; Men; Maranhão.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1: Microrregiões e Mesorregiões do Maranhão.....	21
Mapa 2: Microrregião do Médio Mearim.....	27
Tabela 1: Perfil dos Garimpeiros entrevistados.....	48
Tabela 2: Condições de trabalho e de vida nos espaços de garimpo.....	55

LISTA DE SIGLAS

AGAMA – Associação dos garimpeiros do Maranhão

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

COOMIGASP - Cooperativa de Mineração dos Garimpeiros de Serra Pelada

CPT - Comissão Pastoral da Terra

CVRD - Companhia Vale do Rio Doce

DNPM - Departamento Nacional de Produção Mineral

DOCEGEO – Rio Doce Geologia e Mineração S.A.

FETAEMA – Federação dos Trabalhadores rurais do Maranhão

GO - Estado de Goiás, Brasil

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Brasil

MA - Estado do Maranhão, Brasil

MT – Estado do Mato Grosso, Brasil

NAEA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

PDS – Partido Democrático Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 EM BUSCA DO BAMBURRAR: migração de homens residentes na Região do Médio Mearim para os garimpos brasileiros.....	19
2.1 Conflitos agrários e violência no campo.....	25
2.2 Motivos de expulsão e atração	31
3 MIGRANTES DO MARANHÃO NOS GARIMPOS DO NORTE DO BRASIL: cotidiano de trabalho e retorno ao Maranhão.....	38
3.1 Na expectativa constante do enriquecimento.....	39
3.2 Rotina dos garimpeiros: nas encruzilhadas do ouro.....	45
<i>3.2.1 Perfil dos Garimpeiros entrevistados.....</i>	<i>48</i>
<i>3.2.2 Condições de trabalho e Vida nos espaços de Garimpo.....</i>	<i>55</i>
4 NOS GARIMPOS E CURRUTELAS: interpretando as notícias dos Jornais e as representações das cidadelas constituídas em torno dos garimpos.....	63
4.1 Configurando os espaços do garimpo: entre baixões e currutelas.....	65
4.2 Experiências e representações de garimpeiros maranhenses nos espaços das currutelas.....	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICE.....	84
Apêndice 1 - Breve biografia dos entrevistados.....	85

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho monográfico compreende os aspectos que levaram os homens residentes no Médio Mearim, a migrarem para os garimpos existentes nas diversas regiões do Brasil, no período de 1980 a 1990. Buscamos compreender as representações construídas pelos migrantes no período de intensos deslocamentos de homens do Maranhão para os garimpos existentes no Brasil. Visamos também identificar os motivos de expulsão, atração e retorno desses garimpeiros constituídos de experiências e envoltos pela motivação e / ou gosto e necessidade de sobrevivência.

Vários historiadores desde a Escola dos Annales começaram a questionar e a defender o estudo da “nova velha História”, visando problematizar a hegemônica estrutura política, propiciando por meio da reconfiguração da nova história cultural a transformação da historiografia, não mais permanecendo apenas como uma narrativa restrita aos grandes personagens, mas sim direcionando seu olhar “as multidões” de trabalhadores.

Segundo Ferreira (1992, p.268), “a massa passou a ser o objeto central, sendo estudado dentro da política, que perpassa por diversos campos da sociedade, buscando analisar suas transformações e oscilações”.

Buscamos compreender o fluxo migratório dos maranhenses para os garimpos, interpretando as representações sociais que eles constroem no tempo presente. Deste modo, essa operação requer uma reflexão aprofundada sobre o sentido de rememorar o passado para esses sujeitos, construindo uma breve narrativa historiográfica do cotidiano, da violência e sociabilidade desses sujeitos.

Conforme Reinhart Koselleck (2006, p.13), aponta:

Quem busca encontrar o cotidiano do tempo histórico deve contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido. Ou ainda deve evocar na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes, vislumbrando assim a notável transformação de estilo que empresta uma profunda dimensão temporal a uma simples fileira de casa; que observe também o diferente ritmo dos processos de modernização sofrido por diferentes meios de transportes, superpõem-se e assimilam-se uns aos outros, permitindo que se vislumbrem, nessa dinâmica, épocas inteiras.

Desde a década de 1970 a historiografia brasileira direciona suas análises em torno dos variados temas que até então eram esquecidos ou apresentados escassamente. Vale ressaltar que entre estes temas, afloram o campo da História das migrações e do trabalho, consolidando-os como possibilidade no âmbito de questionamentos importantes e complexos.

No final da década de 1960, a Lei de Terras do governo Sarney transforma o campo, facilitando as negociações das terras devolutas e comumente favorecendo o avanço da grilagem e da pecuária extensiva, transformando bruscamente diversas áreas rurais do Maranhão. Buscamos destacar no presente trabalho a região do Médio Mearim, representada largamente em narrativas orais, na imprensa e em documentos oficiais até meados do século XX como terras sem dono e “espaço vazio”. (FERREIRA, 2015).

A região do Médio Mearim tem nas décadas de 1930 a 1960 um exponencial crescimento demográfico e econômico com a migração de pessoas que vinham de outras regiões do país, com expectativas de melhores condições de vida. Migrantes do sertão, constituídos por meio da experiência e envoltos pelo gosto e necessidade de sobrevivência.

Nas duas décadas seguintes, exclusivamente nas décadas de 1980 e 1990, com o surgimento do garimpo de Serra Pelada no Pará e de outros garimpos na região Norte do país, muitas pessoas resolveram migrar para as regiões dos garimpos, ainda nutrindo em seus ideais a esperança de melhorarias de vida.

Vale ressaltar que o campo maranhense durante o recorte temporal deste trabalho, sofre grandes transformações, especialmente após a Lei de Terras Sarney, obrigando homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos a modificarem suas relações com a terra e o trabalho e, na maioria, alterando até mesmo seu local de habitação. Intensificam-se os acordos de negociação das chamadas “terras devolutas” e a grilagem e a pecuária extensiva avançaram, modificando assim, violentamente diversas áreas rurais do Maranhão, em especial o Médio Mearim.

Muitos trabalhadores do campo são ameaçados pelo latifúndio, e acabam sendo expulsos de suas terras, em decorrência disso, migram para outras regiões do Brasil, como é o caso de homens jovens que migram em busca de oportunidades de trabalho, longe das terras do Médio Mearim.

O modelo de seleção dos entrevistados na pesquisa, proporcionou construir um percurso histórico e metodológico qualitativo da análise em torno da migração e do retorno de homens residentes na região do Médio Mearim, no período de 1980 a 1990 para os garimpos brasileiros.

No decorrer do percurso de construção do trabalho, utilizamos a combinação de uma série de características que os entrevistados precisariam ter em comum, como faixa etária, gênero, bairro onde mora etc, no segundo momento buscamos mapear algumas características em comum dentro dos relatos rememorados pelos migrantes, como uma determinada

experiência dentro do garimpo ou algum aspecto interessante que contribuísse com os objetivos da pesquisa.

O percurso metodológico do trabalho perpassa pela investigação e mapeamento das notícias veiculadas nos jornais do Maranhão. Na busca por reportagens com informações sobre os rastros deixados pelos migrantes do ouro. Iniciei o trabalho pesquisando em jornais *O Imparcial*, *O Estado do Maranhão* e vários outros que já circulavam nas décadas de 1960 e 1970.

Almejando encontrar dados que indicassem a migração para outras regiões maranhenses ou outros estados (especialmente os que contam com exploração de garimpos no norte do país) acabei me frustrando, pois nesse primeiro momento de pesquisa não localizei referências ao garimpo.

Dando continuidade ao levantamento de notícias nos periódicos, após um breve mapeamento dos anos de 1960 a 1970 nos jornais já mencionados, o constante insucesso continuava a me perseguir. Passei então a pesquisar os anos posteriores as décadas de sessenta e setenta, constituindo a próxima etapa de análise dos periódicos.

Desta vez busquei os anos de 1980 a 1990 nesse momento o único jornal que usei foi o jornal *O Imparcial*, justificando que o trabalho de análise dos demais jornais referentes aos anos de 1960 a 1970, não consegui identificar notícia alguma sobre temática. Foi possível mapear notícias que relacionavam o garimpo a política, a economia e encontrei algumas notícias que tratavam de reivindicações sociais deliberadas pelos garimpeiros.

Os capítulos desse trabalho buscam analisar as transformações do campo maranhense, especialmente após a Lei de Terras de 1969, uma lei que levou homens e mulheres a modificar suas formas de trabalho e seu local de moradia, compreender os motivos de atração para os garimpos e de expulsão da região do Médio Mearim nas décadas de 80 e 90, interpretar as representações em torno do garimpo, presente nos relatos orais dos migrantes garimpeiros e por fim mapear as disputas, as expectativas, o imaginário, a relação de trabalho e lazer existentes nos garimpos a partir dos relatos de memória dos garimpeiros.

Vale ressaltar que os capítulos e subcapítulos foram estruturados a partir das atividades desenvolvidas como bolsista de iniciação científica, no período de agosto/2017 a agosto/2019 como parte do Projeto de Pesquisa: Luta pela terra no Médio Mearim (MA) 1960-1990: experiências, narrativas e deslocamentos. Deste modo, desenvolvendo na função de bolsista, alguns planos de Trabalho que me ajudaram a concluir a presente pesquisa relacionada a migração de homens da região do Médio Mearim para os garimpos e suas *currutelas*.

Discutiremos o modo de vida dos garimpeiros e de suas “famílias” através da análise das entrevistas realizadas com homens que saíram do Médio Mearim, com destino aos garimpos existentes na região Norte (em especial nos estados do Pará, Amazonas, Roraima e Rondônia), e em outras regiões do país, ou até mesmo fora do Brasil, nos garimpos da Venezuela, Suriname e Guiana Francesa.

O primeiro capítulo intitulado de “Em Busca do Bamburrar: migração de homens residentes na região do Médio Mearim para os garimpos brasileiros.” apresenta como principal objetivo, analisar a migração de homens maranhenses no período de 1960 a 1990 para os garimpos existentes em algumas regiões do Brasil. Pretendo discutir a reconfiguração que se deu no campo do Médio Mearim, região caracterizada pelos intensos conflitos agrários, especialmente a partir da Lei de Terras do Governo Sarney. E que, simultaneamente presenciou o processo de migração de muitos homens, em sua grande maioria filhos de pais lavradores, e que tinham como horizonte de expectativa, melhorar suas condições de vida.

Neste capítulo, buscamos por meio da abordagem da História Social, analisar o processo de migração de homens residentes no Médio Mearim para os garimpos. Buscamos interpretar elementos específicos relacionados aos motivos que levaram esses homens a se deslocarem para os locais onde existia foco de garimpo. Pretendemos ainda, discutir por meio dessa abordagem os motivos de atração que chamava a atenção dos migrantes para os garimpos, buscando mapear os aspectos positivos que o garimpo acionava e como esse espaço social era idealizado.

Partimos da configuração do processo de migração de nordestinos para a região do Médio Mearim, analisando as transformações que ocorreram na região com a chegada de inúmeros migrantes embalados pelo sonho e necessidade de sobrevivência. No decorrer do capítulo abordaremos os intensos e violentos conflitos que marcaram o processo de expulsão de muitas famílias camponesas, concluindo a proposta inicial do capítulo, analisaremos os motivos de expulsão desses homens residentes na região do Médio Mearim e os motivos de atração para os garimpos brasileiros.

No segundo capítulo denominado “Migrantes do Maranhão nos Garimpos do Norte do Brasil: cotidiano de trabalho e retorno ao Maranhão.” Escrito com objetivo de compreender a estrutura coletiva do trabalho exercido dentro dos garimpos, elencando as atividades que os garimpeiros desenvolviam no decorrer do processo de garimpagem e mapeando as dificuldades que surgiam para os trabalhadores no perpassar da vida de garimpo. A enfadonha rotina, o trabalho exaustivo, a riqueza aparentemente duradoura e os fatores climáticos existentes no

interior do garimpo, acabavam contribuindo para que muitos garimpeiros do Maranhão decidissem retornar para sua casa.

O percurso de construção deste capítulo contou com contribuições em torno da expectativa constante do enriquecimento por meio do ouro, a rotina dos garimpeiros dentro dos baixões, locais configurados como espaços de trabalho dentro das terras dos garimpos e por fim analisamos o porquê desses homens optarem pelo retorno ao Maranhão.

No terceiro e último capítulo será formulado a partir das experiências e representações dos garimpeiros sobre os espaços que constituíam o garimpo. Analisando esses espaços, posteriormente exploraremos como se configurava o lazer desses migrantes dentro do garimpo, e por fim analisaremos as estruturas e os personagens que trabalhavam na vigilância e no controle dos garimpos, traçando um paradoxo entre a diversão e a violência, ambas vistas e praticadas constantemente dentro dos espaços movidos pelo ouro.

2. EM BUSCA DO BAMBURRAR: migração de homens residentes na Região do Médio Mearim para os garimpos brasileiros.

A partir da abordagem da História Social, o presente capítulo tem como proposta analisar o processo de migração de homens residentes na região do Médio Mearim (Maranhão) para garimpos, especialmente no Norte do Brasil, no período de 1960 a 1990. Pretende-se discutir a relação entre História Política e Social, analisando a “febre do ouro”, especialmente nos últimos anos da Ditadura Civil Militar.

Partimos das discussões em torno da reconfiguração agrária que se deu no campo do Médio Mearim, região caracterizada pelos intensos conflitos agrários, especialmente a partir da Lei de Terras do Governo Sarney. E que, simultaneamente presenciou o processo de migração de muitos homens, em sua maioria filhos de pais lavradores, e que tinham como horizonte de expectativa melhorar suas condições de vida.

O percurso que nos ajudou a construir esse trabalho se desenvolveu na região do Médio Mearim, mais especificamente no município de Bacabal – MA e municípios mais próximos, por meio de entrevistas temáticas realizadas com homens e mulheres. Percebe-se que nas décadas de 80 e 90 houve um grande fluxo de migrantes residentes no Maranhão para os garimpos de Serra Pelada (PA), Cumaru (PA), Maria Bonita (PA) entre outros, sendo mais recorrente entre os migrantes a referência ao garimpo de Serra Pelada.

Na busca incansável por seus sonhos, os personagens que outrora foram esquecidos ou que, preconceituosamente, foram taxados como vagabundos e miseráveis, agora são elevados a uma importante visão por meio da historiografia. Um estudo ligado ao entendimento significativo sobre o mundo da migração, o processo do trabalho e as relações sociais construídas no cotidiano e estabelecidas no decorrer das experiências compartilhada especificamente por homens que fizeram moradas fixas ou provisórias nos garimpos.

Analisar a migração de homens residentes na região central do estado do Maranhão, designada Médio Mearim, implica entender sobre estudos que problematizam as transformações e configurações desse espaço dinâmico, social e múltiplo. objetivando compreender alguns aspectos que constituem este espaço, e, no campo das práticas sociais, refletir sobre os numerosos camponeses que migraram das remotas regiões do Brasil para o Médio Mearim e, progressivamente, para outras regiões.

O espaço se configura a partir dos movimentos relacionados à migração. Desde então se torna perceptível uma variedade de práticas culturais, a partir das relações dos diferentes personagens que constroem este espaço cheio de experiências, narrativas, configurações e

deslocamentos. Marcia Milena Ferreira (2015) destaca por meio de uma visão antropológica e social sobre a configuração espacial do Médio Mearim:

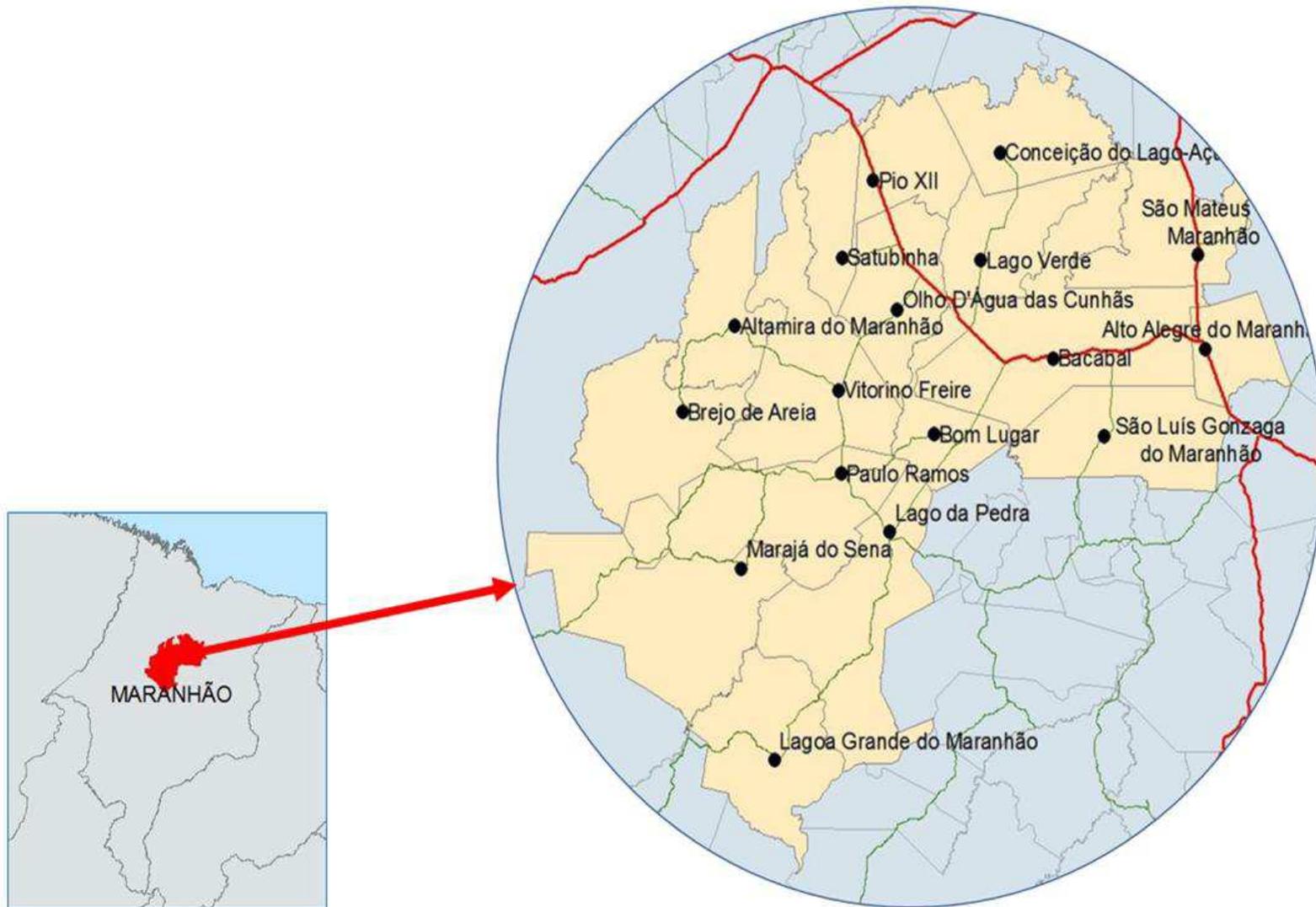
O espaço não é um cenário fixo onde se desenrolam histórias, mas um construto histórico e cultural, mutável, fugidio, penetrado e reinventado por múltiplas temporalidades. Concebo o Médio Mearim, as cidades e povoados que se constituem como lugar de morada de migrantes, como produto e produtores de suas práticas culturais, e não como palco fixo e amorfo onde se desenrolam experiências. Os espaços se constituem, portanto, em lócus privilegiados para análise do historiador. Seus movimentos, arranjos e posturas provisórios precisam ser inquiridos na sua historicidade (FERREIRA, 2015, p.44).

Por meio das observações construídas por Ferreira (2015), podemos compreender o Médio Mearim como um espaço composto por múltiplas teias migratórias, reconfigurando-se constantemente por meio de múltiplas temporalidades, evidenciado no século XIX, conhecido como Alto do Mearim e composto pelo contínuo processo de civilização e avanço do progresso, abrangendo um grupo variado de personagens que habitavam ou se deslocaram para os espaços fronteiriços do conhecido Eldorado do Mearim.

Tais personagens se dividem em meio aos que viviam da terra, pretendiam sobreviver naquelas terras e aos que queriam comandar e enriquecer à custa das terras existentes no Médio Mearim. Uma relação intrínseca e violenta entre indígenas, religiosos, fazendeiros, escravos, aventureiros, quilombolas e os sertanejos que buscavam escapar.

O Médio Mearim está localizado na microrregião central do estado do Maranhão, em uma área riquíssima em recursos naturais como rios, bons pastos e excelente localização para o plantio de arroz, milho, algodão, dentre outras práticas da lavoura, criação de gado, trabalho na roça e significativas possibilidades que impulsionavam o comércio dos agricultores.

Vale ressaltar que a localização privilegiada da microrregião do Médio Mearim, facilitou a criação de fazendas de gados, produção do comércio agrícola e a cultura do extrativismo do coco babaçu. Dentre os municípios existentes na região dos babaçuais, daremos notoriedade no presente estudo às cidades referenciadas pelos garimpeiros no decorrer da pesquisa. O mapa a seguir nos ajuda a entender a localização geográfica da microrregião e dos municípios concentrados no Médio Mearim em relação ao Estado do Maranhão:



Mapa 1: Microrregiões e Mesorregiões do Maranhão

Fonte: IMESC, 2018

O mapa nos ajuda a situar a localização regional do Médio Mearim em relação ao Maranhão, nos auxilia a configurar de onde os diversos personagens da presente pesquisa se deslocavam em buscas de outros espaços de trabalho. Dentre os municípios que englobam a região e partindo dos critérios econômicos de população, se sobressaem as cidades de Bacabal, Pedreiras e São Luiz Gonzaga, múltiplos espaços de experiência que nos ajudam a entender as teias migratórias existente na região do Médio Mearim.

A problemática em questão neste trabalho, se intensifica no final da década de 1960, com a instauração da Lei de Terras de 1969, do governo Sarney, que tornava a terra alvo de regras, limites e controle. Um espaço de interesses privados e capitalistas, facilitando as negociações das terras devolutas e, comumente, avançando sob o desenvolvimento da grilagem e da pecuária extensiva.

Bruscamente transformando diversas áreas rurais do Maranhão, dentre as quais, a região do Médio Mearim, representada largamente em narrativas orais, na imprensa e em documentos oficiais como um local de terras sem dono e “espaço vazio”. (FERREIRA, 2015). Um espaço de passagem e fixação de inúmeros migrantes nordestinos que buscavam nas representações criadas em torno das terras férteis e livres uma possibilidade de fugir da fome e da seca nos espaços propalados como terras sem dono.

Ainda conforme Ferreira (2015), o Médio Mearim tem nas décadas de 1930 a 1960, significativo crescimento demográfico e econômico com a migração de nordestinos e de maranhenses de outras regiões do estado. Nas duas décadas seguintes, a florescente rizicultura praticada em pequenos e médios lotes de agricultura familiar cede espaço ao latifúndio e ao gado. Um número significativo de pequenos proprietários e posseiros são, paulatinamente, expulsos dos lotes de terra e têm como alternativa a migração para outras regiões maranhenses ou outros estados (especialmente os que contam com exploração de garimpos no Norte do país) e o êxodo rural para as sedes dos municípios ou a mobilização política e social em prol da luta pela terra.

O campo maranhense no contexto do presente trabalho sofre grandes transformações, especialmente após a Lei de Terras, que ameaçam homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos e forçam-nos a modificar suas formas de lutas diárias para com o trabalho constantemente mudando até mesmo seu local de habitação. Intensificam-se os acordos de negociação de terras sem dono ou as chamadas “terras devolutas” e promove-se o prosseguimento da grilagem e da pecuária extensiva, modificando assim, violentamente diversas áreas rurais do Maranhão, em especial o Médio Mearim. Conforme Luna sinaliza:

No Maranhão, o processo mais comum de expropriação dos trabalhadores rurais foi a grilagem em seus mais variados níveis: 1) terras apropriadas, geralmente com violência, para simples especulação, reserva de valor; 2) terras tomadas e destinadas a atividades agropecuárias; os posseiros foram expulsos ou passaram a pagar renda (coco ou arroz); 3) terras foram tomadas por um herdeiro do dono que possuía o título das terras, expulsando os demais (herança sem partilha); 4) terras como objeto de grilagem cartorial, falsificação de títulos e documentos em cartórios; 5) terras indígenas invadidas por empresas ou fazendeiros (LUNA, 1984, p. 46)

Nas terras do Maranhão, no decorrer do século XX, os conflitos pela posse das terras férteis para o plantio e sobrevivência de milhares de migrantes, acabam se tornando frequentes, à medida que os embates do progresso hegemônico se renovam com o intuito de promover a recuperação da eficácia dos bens do Estado Brasileiro, o qual sofreu drasticamente com a crise econômica mundial, mas que, de certa forma, não foi comprometido em seus fundamentos, sendo alimentado frequentemente por novos e avantajados projetos de desenvolvimento ou por meio de uma concepção do avanço dos já existentes.

Mediante o contexto apresentado, muitos trabalhadores do campo ameaçados pelos projetos desenvolvimentistas acabam sendo expulsos de suas terras, e, em decorrência disto, migram para regiões onde podem manter-se, como é o caso de camponeses que buscaram oportunidades nos garimpos. Como poderemos constatar ao longo desta pesquisa nos relatos feitos por garimpeiros que residem na região do Médio Mearim.

Nas entrevistas realizadas em Bacabal - MA foi possível perceber que muitos garimpeiros são filhos de lavradores, de pessoas que viviam da roça, eram descendentes de vaqueiros, quebradeiras de coco, camponeses que provavelmente foram afetados pelos conflitos rurais ocorridos intensamente nos anos que antecedem ou coincidem com o recorte temporal desta pesquisa.

Buscamos compreender elementos da história social da migração e do trabalho no Médio Mearim, com ênfase no seu maior município, Bacabal, atentando para elementos de explosão da região e para as representações do garimpo para homens pobres, que deixam o estado do Maranhão em busca de melhores condições de sobrevivência.

A discussão sobre Questão Agrária no Maranhão é bem antiga ela se intensifica quando as comunidades são ameaçadas por meio dos grandes projetos de “desenvolvimento”, como o agronegócio e multinacionais, que se valem dos grandes benefícios que o Estado propicia para sua implantação, assim removendo muitos camponeses de seus locais de origem.

Por outro lado, como esses projetos colocam em evidência as diferentes lógicas de apropriação dos territórios, proporcionam a formação de conflitos, na medida em que os

questionamentos das decisões políticas e das ações frente aos projetos de desenvolvimento se expressam em forma de resistência por meio da mobilização coletiva dos camponeses.

A transformação do campo maranhense, especialmente após a Lei de Terras de 1969, atinge homens e mulheres que precisam modificar suas formas de trabalho e, muitas vezes, seu local de moradia. Intensificam-se as negociações de terras devolutas e assiste-se ao avanço da grilagem e da pecuária extensiva, que transformam drasticamente diversas áreas rurais do Maranhão, dentre as quais, a região do Médio Mearim.

Este trabalho consiste em utilizar pensamentos e reflexões acerca do conceito de imaginário social, uma proposta estimulada pelos vários debates historiográficos se estendendo nas áreas da sociologia, antropologia, psicologia e é claro da história. No desenvolvimento do presente trabalho este conceito foi buscado nas contribuições do historiador Bronislaw Baczko, elaborando uma teoria para a perplexidade entre a conservação e mudança, onde o que é verdadeiro se mistura ao que é ilusório.

Em alguns momentos da história, especialmente quando o período for de bastante conflito social a imaginação acaba sofrendo um impulso específico produzindo uma superprodução de significados para os determinados acontecimentos que, por meio dos elementos que conferem à presença da história social e da vida dos camponeses acaba dando sentido a saída de vários trabalhadores para o garimpo com a esperança de melhores condições de vida.

A própria dinâmica da revolução, a transformação das estruturas políticas e sociais, bem como dos modos de pensar e dos sistemas de valores, e ainda os conflitos políticos e sociais marcados pela presença das massas, em especial as multidões revolucionárias – todos estes fatores estimulam a produção acelerada dos sentidos que se procura atribuir à precipitação de acontecimentos cujos efeitos muitas vezes surpreendem os atores políticos e sociais (BACZKO, 1985, p. 320).

Buscou-se compreender o momento que as populações camponesas no Maranhão são ostensivamente ameaçadas por meio dos grandes projetos de “desenvolvimento”. Com negociações entre multinacionais e outros membros, que se implantam nas comunidades, se aproveitando da pouca compreensão social das pessoas do campo e, posteriormente, apossando-se dessas terras em prol dos grandes benefícios que o governo do estado propaga por meio de estratégias econômicas.

Iniciativas privadas unem-se com políticos e grandes fazendeiros tidos como coronéis, montando suas infraestruturas produtivista, por meio das políticas do clientelismo e mandonismo, visando alcançar mais poder em grande escala. Tais fatos são retratados no trecho abaixo do Cordel de Sabiá da Mata:

Falta aqui palavras-prima

Com precisão e clareza que em suficiência diga sobre a tamanha riqueza do homem plantando a terra em paz com natureza, mas a sanha da grilagem envergonha a nação quando chega o grileiro vai cercando todo o chão, tomando a vez do plantio: mandioca, arroz, feijão. O grileiro rouba terra garantindo e apoiando quem atua do mesmo lado, depois registra em cartório de juízo rasurado quanto mais a cerca cresce diminui a agricultura cresce o capim na fazenda e o boi do rico em fartura, mas pro lavrador só cresce seu rosário de amargura. Triste manhã de domingo sete horas desse dia quando Elias comprava de comer para a família no Mercado Municipal. Feira de Santa Luzia com dois tiros de revólver trinta e oito reforçado, Elias Zi Costa Lima, caiu no chão fulminado deram mais um de espingarda vinte de cano serrado***

Elias Zi Costa Lima combatia a tirania, à frente do Sindicato rural de Santa Luzia onde deu-se o velório de um dia pro outro dia, tua morte companheiro, que foi a bem da razão, o teu sangue derramado sobre a frieza do chão não nos deixará calado perante as leis do barão. Tua presença fica viva nos aclarando a memória profetizando que a luta é o caminho da vitória pois não há bala ou açoite que cale a boca da história. Este caso, meus senhores, que causa indignação não é coisa imaginada ou filme de ficção é história brasileira sofrida do Maranhão. Santa Luzia inteira na feira pode assistir e aponta os assassinos que o poema canta aqui, mas indaga para justiça quem matou Elias Zi (FETAEMA, 2012, p.23

Por meio das palavras utilizadas para a construção do poema de Sabia da Mata, podemos perceber o quão cruel e desumano foi o processo de grilagem e expropriação nas terras do Maranhão. Esses espaços eram habitados por personagens vindos de regiões remotas do Nordeste, na busca do eldorado maranhense. Mas ao se fixar nas “terras livres” acabavam vivenciando as intensas violências praticadas pelos grileiros com consentimento do estado, que por sua vez deliberava incentivos fiscais para que essas terras fossem privatizadas.

Nessa luta existiam vários outros personagens, indivíduos que diretamente ajudavam na configuração da situação de defesa dos trabalhadores do campo, exemplo, os membros e grupos que compunham a igreja católica. Estes membros atuavam na linha de frente contra os atos de violência que constantemente eram investidos contra a população camponesa. Desenvolviam também práticas relacionadas à educação religiosa e preponderantemente agrária e estavam presentes nesses espaços por meio das comunidades eclesiais de base, auxiliando a luta e instruindo o povo a se defender das acometidas tentativas de controle da terra.

2.1 Conflitos agrários e violência no campo

No Maranhão, conflitos agrários e socioambientais se configuram em diferentes tempos históricos, e continuam a surgir novos, na medida em que a característica impactante do modelo de desenvolvimento dominante e excludente se renova com a retomada da capacidade de investimento do Estado brasileiro (abalada pela última crise econômica mundial,

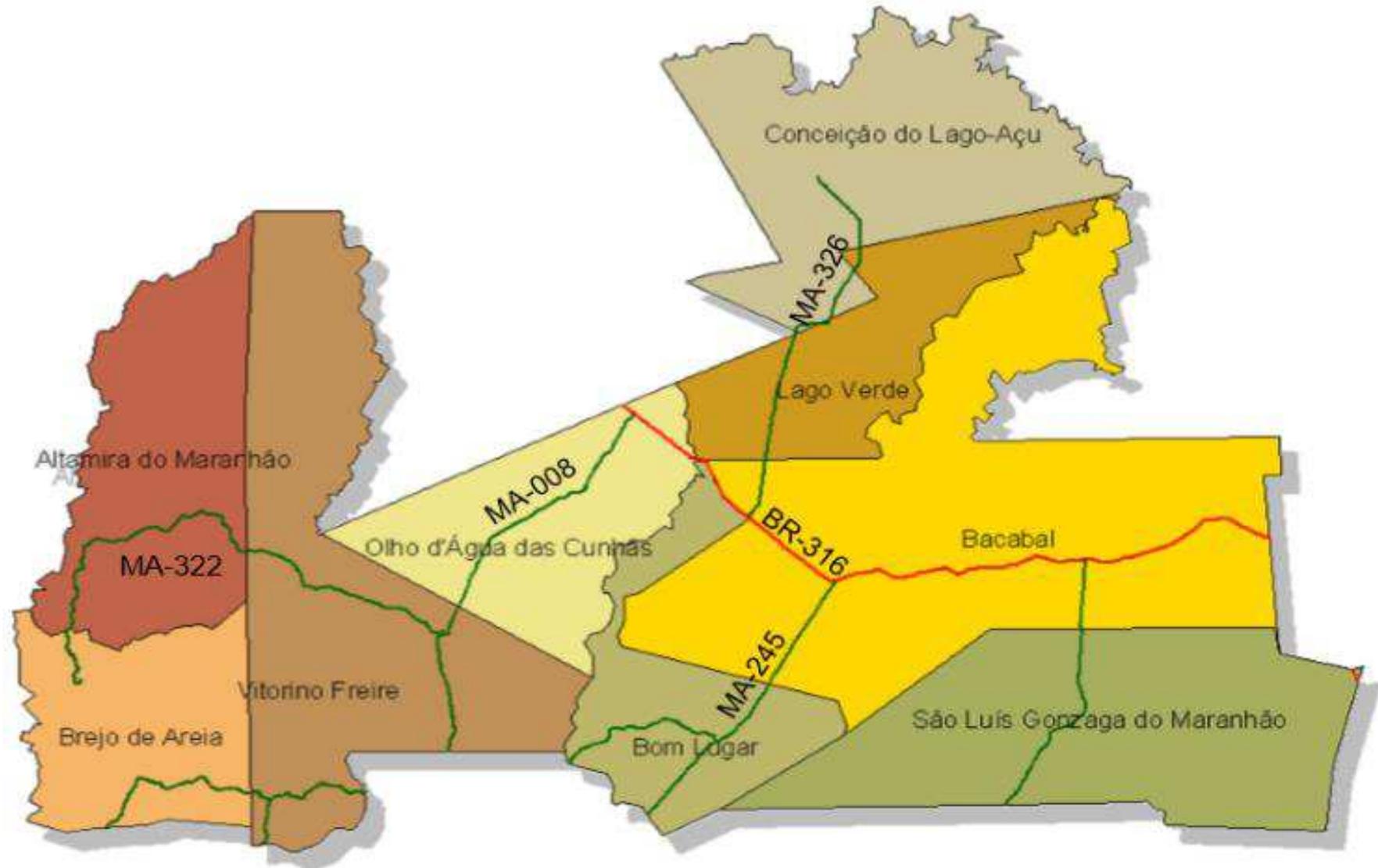
mas não comprometida em seus fundamentos). No Brasil, constantemente são anunciados novos projetos de desenvolvimento ou ampliação dos já existentes, que envolvem a iniciativa privada de infraestrutura, objetivando a produtividade de rendimentos por meio de atividades ligadas à industrialização, à agropecuária, à pesca industrial e ao turismo.

Mesmo que os impactos sejam discursivamente amenizados, por exemplo, através da incorporação de noções como o desenvolvimento sustentável, responsabilidade social e ambiental, no momento em que a discussão da questão ambiental toma uma crescente importância no cenário internacional, estes conflitos continuam a surgir e/ou a aprofundarem-se, exigindo que sejam ampliados os estudos sobre os impactos sociais e suas consequências.

No Maranhão, a partir da década de 1960 intensifica-se o processo de transformação no campo, em especial com a instituição da Lei de Terras nº. 2.979, de 17 de julho de 1969, a qual mudaria, drasticamente, o cenário existente na época para um novo contexto de conflitos sociais e ambientais, principalmente, na região do Médio Mearim, uma área dotada de bons invernos, *terras livres* com ricas redes hidrográficas e um ambiente propício para fixação e fartura na colheita, uma região constantemente representada como um verdadeiro “eldorado maranhense”.

O Médio Mearim configura-se em eldorado para sertanejos nordestinos entre as décadas de 1930 e 1970, vindo a ser um local propício para fixação, com terras férteis. Como outros eldorados de outros espaços tempos, é construído e desconstruído nas narrativas orais de migrantes e descendentes (FERREIRA, 2015, p.24).

O Médio Mearim é um espaço que aproxima diversos sujeitos sociais, por meio da busca por trabalho, tentando escapar ou rumando em busca da fartura e da chuva. Percebemos que múltiplos migrantes nordestinos se direcionam para o Médio Mearim movidos por necessidades e aventuras percebemos também o conjunto de Ideia-imagem positivas e negativas que os migrantes propalam sobre esse eldorado maranhense, configurado como um espaço favorável para a sobrevivência de muitos que se arriscam em experimentar os perigosos prazeres do mundo. O mapa a seguir nos orienta geograficamente, sobre os municípios que constituem a microrregião do Médio Mearim:



MAPA 02: Microrregião do Médio Mearim

Fonte: Governo do Estado do Maranhão (2007), IBGE (2001), Mapa Rodoviário do Maranhão (2006).

Como forma de união estratégica os poderosos latifundiários, atuando nos municípios da região do Médio Mearim, unem-se com políticos, montando infraestruturas produtivas, visando à obtenção de lucros e a propriedade das terras de posseiros, se utilizando de discursos que faziam referência ao desenvolvimento sustentável e à geração de emprego para os camponeses. Contudo, quando começava a instalação e a implantação dos projetos, os camponeses acabavam sendo enganados e tinham suas terras tomadas pelos grileiros de terra, o que ocasionava muitos conflitos.

Os conflitos agrários no Maranhão são resultantes da sua estrutura agrária concentradora e apresentam diferentes configurações: Na antiga colonização predominavam as elevadas cobranças de renda aos agricultores e a exploração dos produtos extrativistas pelos proprietários. Na década de 60, os conflitos são frutos da grilagem e dos investimentos em largas extensões de terras realizados por grupos econômicos. No bojo do modelo desenvolvimentista, os conflitos são intensificados com a instalação de grandes empresas agropecuárias, de exploração de minérios e agroflorestais [...] (FETAEMA, 2012, p.19).

Os conflitos agrários são produto das práticas de grilagem em extensões de terras cultivadas por meio das plantações de subsistência. As populações camponesas do Maranhão são deliberadamente ameaçadas por grandes projetos de “desenvolvimento”, que se implantam nas comunidades dessa forma, grupos de latifundiários que se aproveitam da pouca instrução das pessoas do campo e, por meio da conivência de agentes do Estado, acabam obtendo a propriedade dessas terras e, posteriormente expulsando inúmeros trabalhadores.

Com a expulsão dos camponeses das terras do Médio Mearim, inicia-se a apropriação dos territórios, provocando vários conflitos agrários, despertando questionamentos referentes às decisões do sistema de posse dessas terras e confrontando com as formas de resistências geradas por meio das organizações coletivas dos trabalhadores rurais.

De acordo com Luna (1984, p. 60), os projetos desenvolvimentistas propalados como progresso, não trouxeram nenhum desenvolvimento considerável para o estado, pois não provocaram inovações tecnológicas e muito menos geraram emprego para os desempossados das terras, sendo que tais projetos na teoria esbanjavam grandes ações na área de expansão dos pastos. As práticas não realizaram a contento, a produtividade da pecuária.

Tais alterações no contexto econômico do Médio Mearim, conseguiram chegar tanto nas terras mais antigas quanto nas próprias “terras devolutas”, ocupadas posteriormente. No entanto, com a transição forçada da agricultura familiar para a pecuária extensiva, houve uma grande modificação nas circunstâncias de oferta dos produtos agrícolas. Assim, acarretando na sua carência e como resposta a essa ação, acabou dificultando o viver do homem

do campo, uma vez que tendo sua fonte de trabalho em escassez o mesmo passaria a ter dificuldades econômicas.

Com a promulgação da Lei Sarney de Terras e a implantação dos projetos agropecuários inicia-se uma onda de conflitos reforçados por requintes de violências, produzindo assim uma larga escala de camponeses que foram expulsos de suas terras, por não terem em suas mãos a titularidade da mesma. Com isso, tornam-se frequentes a presença dos grandes grupos econômicos adentrando as terras dos posseiros, e dispondo de documentações falsas, concretizando seu desejo econômico de se tornarem proprietários das terras devolutas.

O Autor do livro intitulado *Grilagem: corrupção e violência em Terras do Carajás*, conhecido pelo nome de Victor Asselin, nos fornece um conceito que ajuda a entender todo esse processo estratégico e ilegal de posse da terra por parte dos grandes proprietários.

É um instrumento oficialmente assumido para incorporar as terras públicas – terras do povo brasileiro – às mãos dos grandes proprietários. A propriedade da terra no Brasil passa, em sua grande maioria, por esse processo violento e ilegal e na maioria das vezes com muitas lutas no campo (ASSELIN, 2009, p.15).

Com o crescimento das lutas e um derramamento de sangue promovido por indivíduos que queriam a qualquer custo se apoderar das terras do Médio Mearim, conhecidas por sua fartura e abundância, os posseiros acabam se sentindo encurralados em um espaço onde outrora era um sonho de se viver. O eldorado acaba se tornando um pesadelo infinito, onde as terras estavam disponíveis ao “bel prazer” dos grileiros, que chegavam da noite para o dia com titularidades forjadas e arrancavam os habitantes, por meio da expropriação. Personagens migrantes que vivenciaram o período da grilagem que os expulsa sem dó, das terras de onde tiravam os seus sustentos.

Para os posseiros restavam apenas algumas escassas opções de sobrevivência: se unir com o intuito de lutar pela terra (nesse momento com o apoio e a ajuda de membros do clero e leigos ligados Igreja Católica através de outros órgãos como a Comissão Pastoral da Terra), ou migrar em busca de outras terras ou outras formas de trabalho. Restava aos mesmos buscarem outros caminhos, um percurso longo e cheio de dificuldades, mas o tempo todo impulsionado pela idealização de um lugar que proporcionasse uma vida melhor a todos.

A Igreja Católica através de padres e missionários das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da Comissão Pastoral da Terra - CPT, historicamente teve um papel importante na luta dos camponeses pela terra. Além de realizarem atividades de formação junto a trabalhadores rurais, os apoiavam nos conflitos de terra. A ação da Igreja foi fundamental, pois, com o seu apoio, havia situações nas quais os trabalhadores rurais eram poupados de maiores violências, e suas mobilizações e denúncias tinham maior visibilidade. Diversos membros da Igreja tiveram forte

atuação no meio rural, constituindo parte integrante das comunidades. Criada a partir do Encontro Pastoral das Igrejas da Amazônia Legal, a CPT passou a fazer parte das próprias comunidades, assessorando e dinamizando o trabalho dos que atuavam em favor dos sem-terra e trabalhadores rurais na luta pela terra. Contudo, a questão dos conflitos não ficou para trás, ao contrário, têm se manifestado com muita força na atualidade. E a CPT permanece atuando junto aos trabalhadores e trabalhadoras rurais, acompanhando-os e defendendo-os, atualmente, junto a outras entidades e à própria FETAEMA, tem acompanhado a situação dos quilombolas (FETAEMA, 2012, p.21).

Vale ressaltar que enquanto alguns camponeses acabavam ficando submissos ao poder desses latifundiários, outros resistiam constantemente. Nesse período muitos homens e mulheres do campo, incluindo também crianças, foram mortos nos violentos conflitos. Expondo essa classe trabalhadora a muito sofrimento que produziam perdas imensuráveis e históricas de direitos indispensáveis para uma vida digna.

No decorrer do período concernente a promulgação da Lei de Terras do Governo Sarney, os conflitos agrários se tornariam mais ferozes constantemente. Os latifundiários utilizando-se do poder de fogo e da influência dentro do Estado, custeou a expulsão de muitos migrantes que trabalhavam dentro das terras do Médio Mearim – MA e ainda massacrou muitas famílias que se posicionavam contra seus mandos e desmandos. Caracterizados pelos requintes de violência, especialmente relacionados à expropriação de muitas pessoas das “terras livres”, os latifundiários tinham o poder de expulsar, e em alguns casos, ameaçar de morte os camponeses que dependiam dessas terras para sobreviver e criar seus filhos. Em alguns casos ateavam fogo nas moradias e plantações dos migrantes, buscando pressioná-los a optar pela fuga, nesse processo muitas pessoas acabavam se encontrando em situação de total desalento, violência e opressão.

Buscou-se reforçar o processo violento de expropriação da terra, adquirido por meio da grilagem e a situação em que se desenrolavam as ações da política econômica excludente, mandatária e coronelista existente na região do Médio Mearim. Por meio dos exaustivos conflitos marcados por massacres, mortes e denúncias do campo, muitos migrantes que sofreram essas ações ou filhos de migrantes optam por sair e se aventurar nos garimpos, lugar de muitos sonhos e segredos prósperos que, guardados em meio ao barro sujo, trazem consigo a beleza inigualável que resplandece nos olhos de quem a encontra.

Em algumas regiões do Brasil, especialmente na região Norte, existia e ainda existem riquezas dos mais variados tipos de minérios de valor inestimável para a economia dos países. Essa riqueza traz consigo diversas possibilidades de enriquecimento e de uma vida de abundância, que acaba atraindo várias pessoas para o interior dos garimpos alimentando o sonho

de um novo eldorado em mente e com o intuito de um próspero enriquecimento acelerado e inesperado.

2.2 Motivos de expulsão e atração.

Por meio deste trabalho buscamos relacionar o processo violento de expropriação da terra, adquirido por meio da grilagem e a situação em que se desenrolavam as ações da política econômica, aos exaustivos conflitos marcados por massacres, mortes e denúncias do campo. Muitos migrantes que sofreram essas ações violentas ou filhos de migrantes resolvem sair e se aventurar nos campos do garimpo, lugar de muitos sonhos, trabalho e experiências.

Analisando as questões em torno da chegada desses maranhenses nas minas de ouro, busco por meio das narrativas de garimpeiros compreender como se desenrolava o cotidiano nos garimpos. Partindo dessas inquietações busco registrar os motivos de retorno de alguns garimpeiros ao já desconstruído eldorado. Trabalhem as questões sobre o retorno de muitos desses homens no próximo capítulo.

Evidenciamos os elementos conflituosos da região e analisamos as representações que se criavam em torno do garimpo partindo da vivência e das experiências dos homens pobres, que acabavam deixando o estado do Maranhão, dentre os vários municípios, indo buscar por meio dos caminhos da mineração melhores condição de vida.

O foco que permeia o trabalho se alinha as transformações ocorridas em relação à questão fundiária no Maranhão, especialmente após a Lei de Terras de 1969, abordando a situação do meio rural no Médio Mearim. Mapeando os motivos de expulsão de homens jovens e em idade adulta em busca da sobrevivência e na expectativa do enriquecimento nos garimpos do norte do país.

Mapear os fluxos migratórios dos homens que viviam no Médio Mearim para os garimpos do Norte, além de outras regiões do Brasil e países da América do Sul, requer analisar também o conjunto das representações criadas pelos garimpeiros em torno do garimpo, especialmente a partir das memórias narradas por homens que neles atuaram.

Quando o indivíduo resolve migrar ele fundamenta-se nos aspectos de expulsão e de atração, expressando-se por meio da mudança espacial e social regional considerada estagnada ou perigosa para regiões ou espaços considerados em desenvolvimento. Em vista disso, buscamos significativos traços que delineiam os motivos que se deram para o constante rumar dos migrantes que seguiam do Médio Mearim para os espalhados garimpos, não só do Brasil, como também fora dele.

Fundamentando-se na problematização acerca dos processos de transformações que se deram nas terras do Maranhão, intentamos mapear por meio das representações e conjuntos de ideia-imagens criadas pelos migrantes os percalços que dão significado aos garimpos, justificando o rumar desses homens para as regiões auríferas, ou seja, quais os motivos que os levaram a sair do Médio Mearim.

Considerações teóricas em torno dos estudos das migrações de áreas rurais para regiões industriais, zonas de garimpagem ou áreas urbanas, contribuiu para o entendimento do processo de expulsão e atração desses personagens. Muitos homens e mulheres, migravam na busca de se tornarem operários, trabalhadores urbanos ou garimpeiros e garimpeiras, as práticas de migração, para esses personagens fundamentavam-se em suas próprias estruturas de vida.

É importante sinalizar também que, para além da invisibilidade e condições de vida, o ato de migrar estava relacionado a condição de reprodução social dos personagens do campo. O artigo de M. Menezes “Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias, e conceitos”, nos inspira em buscar compreender as características que compõem o migrante. Conforme Menezes sinaliza:

A migração de camponeses não era apenas consequência da inviabilidade de suas condições de existência, mas parte integrante de suas próprias práticas de reprodução social. Assim, migrar poderia ser a condição para a permanência da condição camponesa e da moradia no campo. A mobilidade, o ir e vir entre as regiões Nordeste e Sudeste, entre o trabalho agrícola e urbano era parte das estratégias de reprodução social da família camponesa (MENEZES, 1985, p.21)

A autora evidencia que existem múltiplos significados dentro do processo de migração e problematizar os fluxos migratórios da região nordeste para o sudeste nas décadas de 1960 a 1990, reunindo trabalhos de autores que também busca pensar sobre os conceitos e tipologias dos processos migratórios.

O conhecimento em torno da origem e do destino de cada migrante se torna indispensável para a autora compreender os motivos de expulsão e atração desses personagens. Por meio desse exercício seguimos pontuando as limitações e horizonte de expectativa de múltiplas memórias de migrantes, cujo percurso de vida é marcado pela mobilidade.

Por meio das narrativas dos migrantes, buscamos questionar e iniciar uma análise social a respeito da migração desses homens para o garimpo. Além das experiências compartilhadas pelos garimpeiros, no decorrer do trabalho, fez-se necessário a leitura de trabalhos que norteavam a compreensão dos conhecimentos acerca da migração nacional e internacional e da história do trabalho no campo, constantemente buscando entender os motivos de expulsão e atração dos diversos personagens masculinos residentes no Médio Mearim.

Por meio da abordagem da História Social, concatenamos o processo de migração de homens residentes nos municípios do Médio Mearim, interpretando elementos específicos relacionados ao comportamento e às relações sociais estabelecidas por personagens que migraram da região central do Maranhão para garimpo. discutindo por meio dessa abordagem o modo de construção desses sujeitos históricos e suas relações sociais, analisando a partir do comportamento social dos garimpeiros, os múltiplos aspectos percebidos no contexto da migração, da mobilidade, dos movimentos sociais e da construção das representações coletivas em torno do garimpo. Segundo Hebe Castro:

[...] a história social recolocava como questão nos anos 60, no auge das abordagens estruturalistas, o papel da ação humana na história. Ao se formular como problema o comportamento humano, no estudo das migrações, da mobilidade social, das estratégias de preservação de fortunas ou status, das greves ou do protesto popular, o tempo da experiência e do vivido se impunha aos pesquisadores (CASTRO, 1997, p.81).

Este estudo busca pensar a região do Médio Mearim nas décadas de 1980 a 1990, abordando experiências dos homens que residiam especificamente na cidade de Bacabal, que além de possuir um número expressivo populacional desde 1960 é tida como maior polo econômico do Médio Mearim, interpretando elementos específicos relacionados aos motivos que levaram esses homens a se deslocarem para os locais onde existia foco de garimpo. Pretendemos, discutir por meio dessa abordagem os motivos de atração que chamava a atenção dos migrantes para os garimpos, buscando mapear os aspectos positivos que constituíam o garimpo e como esse espaço social era idealizado.

Caracterizando como campo especial e simbólico dos esforços relacionado ao imaginário social e o desdobramento sobre a investigação acerca da realidade social dos garimpeiros, problematiza-se os métodos instituídos pelo próprio imaginário, e considerando que o mesmo possui uma importância sublime dentro da relação com o real. Sendo importante elencar o funcionamento dos sentidos que manipulam a imaginação que se tem sobre os garimpos, partindo do real e recriando o imaginário que de certa forma influenciou os agentes históricos. E que ao mesmo tempo traz um refinamento as análises das fontes, podendo assim reconstruir o passado e conjugar a designação de suas expressões por meio de uma reflexão teórica.

O garimpo no final de 1970 e início de 1980 é um dos temas mais falados nas rodas de conversas, barzinhos e feiras da cidade de Bacabal-MA. É representado pelos sujeitos do Médio Mearim como lugar de oportunidade de trabalho. Nas décadas de 1980 e 1990, surgiu um intenso fluxo migratório para esses garimpos, onde se tinha notícia de grande quantidade

de ouro enterrada nas serras, minas e nas beiras dos rios, ocasionando posteriormente a “febre do ouro” e o avanço dos projetos desenvolvimentistas e mecanizados de Serra Pelada.

O deslocamento desses homens se direcionava em “rumar” para lugares de onde se tinha notícias de “que estavam pegando ouro”. Muitos garimpeiros deixavam suas mulheres e filhos, ou na ausência desses, deixavam pai e mãe, e seguiam no percurso de “escapar” das condições em que viviam no Médio Mearim. Entre muitos desses migrantes existiam os homens que apenas aventuravam-se e outros que migravam na ânsia de *bamburrar*¹.

No percurso de identificar os elementos que atraíam os homens residentes no Médio Mearim para o garimpo, foi possível detectar na maioria das entrevistas que os mesmos se referiam ao garimpo como lugar de aventura, de sofrimento, de muito trabalho e aprendizado, “onde se tem que ter muita coragem pra ir rumo a ele, um *lócus* de busca do ouro escondido na terra e que a partir desse ouro se constrói uma vida melhor.

Ao utilizarmos a História Oral, buscamos ao longo do trabalho compreender e interpretar percursos e experiências de garimpeiros que migraram desde o Maranhão até os confins da Amazônia, passando por experiências nos seringais, nas fábricas, nos babaçuais e nas *terras sem dono*.

Mapeando os motivos de expulsão ou deslocamentos dos homens que migraram para o garimpo, procuramos analisar o porquê desses sujeitos viverem tais experiências, bem como o modo como são narradas. As representações sobre as experiências passadas são constantemente referenciadas nos relatos orais dos garimpeiros.

Os garimpeiros compartilham de suas experiências e sabedorias, rememorando relatos de ações passadas e nos possibilitando mapear e interpretar as condições de moradia, de vida e de subsistência a qual eles estavam inseridos na região do Médio Mearim e posteriormente com a migração, os garimpos. A trajetória de vida compartilhada conosco pelos garimpeiros, muitas vezes nos dão uma dimensão contextual relacionado à quando o propalado eldorado se converte em um local de dificuldades e muita luta, se tornando violento, assombroso e amedrontador.

A narrativa de Raimundo Sousa Queiroz pincela elementos que são pontilhados por experiências de vários homens garimpeiros, no decorrer da vida de garimpo. Ao se mudar para a cidade, Raimundo Queiroz sempre levava a sobrevivência da família em primeiro lugar, ao entrar em contato com homens que constantemente migravam para o garimpo de Serra Pelada,

¹ Termo utilizado quando o garimpeiro encontra uma boa quantidade de ouro no barranco.

Queiroz cria um horizonte de expectativa sobre o garimpo como meio para sua ascensão econômica.

Ao migrar para o garimpo de Serra Pelada em 1980, depois de muito trabalho Raimundo Queiroz se tornou dono de barranco e, por oito anos desenvolvendo o trabalho de conduzir esse barranco. Para ajudar na administração do barranco, conta com a ajuda de um amigo, um sócio de confiança que, tempos depois, acaba falecendo.

Após a morte do sócio, Raimundo Queiroz retorna para a casa dos pais no Maranhão. Cerca de quatro meses depois, volta a migrar, dessa vez para o garimpo de São Francisco, localizado no sul do Pará, onde permanece por seis meses. Seu Raimundo Queiroz relata que: *“Tomava dinheiro emprestado. Pra poder ir, vendia um porco, uma jumenta e não tinha nada, mas é triste, até que a gente chegou lá. Passar fome a gente passava, uma fome do diabo.”*. Para viajar para o garimpo, muitos homens acabavam pedindo dinheiro emprestado ou se *“virando como podia”*. (grifos meus)

Raimundo Queiroz representa o garimpo como um lugar onde a pandemia de doenças tropicais exemplificadas como a malária, ameaça constantemente a sobrevivência de muitos garimpeiros.

[...] a malária lá era braba demais, era daquelas que caía o cabelo, aí eu fui lá na SUCAM, cansei de ir lá. Fui fazer uns exames que só recebia uma hora depois o resultado, me deitei um pouco e aí quando foi uma hora eu fui lá ver e aí me disseram pra ir ali naquele pé de farmácia comprar uns comprimidos e pra mim ir se embora dali que o negócio estava feio. Lá tinha uma boca de baixo, que quem trabalhava lá, tinha uma febre braba, era só 24 horas. Com 24 horas já passava na rede morto. Era febre daquela febre braba de cai o cabelo, que chamam hepatite preta né! Eu acho que essa febre que eu “panhei” no São Francisco era dela. Essa febre foi braba (QUEIROZ, 2017).

Estamos diante das representações do passado de Raimundo Queiroz, representações constituídas por ele, através de experiências vividas no passado. A sensibilidade do presente dá significação ao vivido, fazendo com que Raimundo Queiroz, assim como vários outros garimpeiros percebam a realidade e construam por meio do passado teias de significações que dão sentido ao mundo.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem em sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2008, p.42)

As representações sobre o garimpo, geradas por meio de um conjunto de memórias dos garimpeiros nos ajudou a entender como são construídas as relações internas nas zonas auríferas. Suas práticas em relação ao trabalho pesado, suas formas de comportamentos ou condutas em relação à moradia, e seus vínculos sociais com o ambiente se tornam essenciais para compreender a realidade desse espaço.

Em algumas regiões do Brasil, especialmente na região Norte, existia e ainda existem riquezas dos mais variados tipos de minérios de valor inestimável para a economia dos países essa riqueza traz consigo o fetiche da possibilidade de enriquecimento e de uma vida de abundância, que acaba atraindo várias pessoas para o interior dos garimpos.

As narrativas de muitos migrantes que buscam se aventurar nos espaços de trabalho do garimpo, são permeadas por representações e transformações que condicionam os espaços auríferos como oportunidades de muitos sonhos e realizações o barro sujo, o trabalho pesado, as constantes mortes e a violência simbólica traziam consigo a beleza singular e o valor econômico que cintilava nos objetivos de múltiplos migrantes soldados do ouro.

Dando continuidade aos estudos relacionados à migração dos personagens residentes no Maranhão, foi de suma importância a discussão e análise da dissertação de Vinicius Soares, mestrando em Ciências Sociais da UFMA, intitulada *Migração em tempos de mecanização: o processo de inserção de migrantes maranhenses no trabalho canavieiro no município de Pradópolis/SP*. Ao tratar do processo de inserção de migrantes oriundos do estado do Maranhão em atividades ligadas ao processo de colheita da cana-de-açúcar no estado de São Paulo, o autor aborda as situações de dificuldades em que se encontram os migrantes maranhenses na cidade de São Paulo.

O autor estrutura a dissertação em dois eixos, onde se propõe analisar essas relações com a cidade de Pradópolis - SP. No primeiro eixo busca discutir a situação de vida dos migrantes, levando em consideração a condição do sujeito, o acesso a bens, produtos e serviços e as relações sociais que os personagens prospectam na cidade de Pradópolis-SP. O segundo eixo se concentra em delimitar e identificar as razões para a fixação definitiva desses migrantes nesse município.

Ao identificar as respostas alcançadas pelo autor, foi possível constatar que a fixação do migrante e reprodução do grupo familiar no local de destino (Pradópolis-SP) necessariamente só se tornaria viável, por meio da captação regular de recursos. O objetivo do migrante ao se deslocar para a região de Pradópolis, passa pela necessidade de inserção no mercado de trabalho, buscando emprego no corte de cana-de-açúcar, na colheita de laranja, amendoim, cebola e outros, ou então, prospectando trabalho na construção civil.

Além da inserção no mercado de trabalho, o autor também sinaliza para a perspectiva positiva construída em torno da qualidade de vida que os migrantes passam a usufruir na cidade de Pradópolis:

Contudo, permanecer em Pradópolis também está relacionado com a visão de que, além da inserção no mercado de trabalho, essa cidade oferece uma melhor qualidade de vida do que Timbiras, permitindo aos migrantes, filhos e netos melhores perspectivas de sobrevivência. Influência nessa avaliação, a visão de que os serviços de saúde e educação de Pradópolis – ou da região de Ribeirão Preto - são melhores e mais acessíveis dos que os oferecidos no estado do Maranhão (SOARES, 2014, p.99).

Portanto, a dissertação nos ajuda a compreender os múltiplos contextos do processo migratório do Maranhão, apresentando particularidades e assumindo características distintas dos personagens que configuram o desenvolvimento do movimento migratório da região dos Cocais para o corte da cana-de-açúcar em São Paulo.

A abordagem das relações de trabalho x capital nos ajuda a compreender e identificar as configurações estruturais e conjunturais do percurso historiográfico dos garimpos, englobando o processo de organização político-cultural dos garimpeiros dentro dos espaços auríferos.

Buscamos por meio deste capítulo, compreender os motivos que levavam os homens jovens e em idade adulta do Médio Mearim a ir em busca de sobrevivência, partindo rumo a outras experiências, que contavam com a expectativa do enriquecimento nos garimpos do norte do país. Filhos de personagens tidos como trabalhadores rurais que agora, com a mudança do cenário político e econômico, tentam ganhar a vida nos garimpos de Serra Pelada, Cumaru, Maria Bonita, dentre outros existentes nos anos 80 e 90, se aventurando em novas atividades econômicas e proporcionando a euforia da migração de vários homens e mulheres de diversas regiões remotas do Brasil para os garimpos.

3. MIGRANTES DO MARANHÃO NOS GARIMPOS DO NORTE DO BRASIL: cotidiano de trabalho e retorno ao Maranhão

Neste capítulo trabalharemos especificamente com os relatos de memórias dos homens que migraram para as regiões situadas ao norte do Brasil e, simultaneamente, com as produções acadêmicas desenvolvidas por meio dos estudos da história social, migração e história do trabalho onde podem ser inquiridas comumente evidências e tensões sobre o percurso migratório dos braços que se tornavam mão de obra que seguia em direção aos garimpos.

Assim, constantemente mapeando e farejando os passos desses personagens, buscamos construir, por meio das interpretações apreendidas nos relatos orais, a história dos personagens que se configuraram dentro dos processos e percalços da migração do Médio Mearim. Intentamos por meio da abordagem da História Oral, reconstruir um passado subjetivo, nos preparando teórico e metodologicamente, para posteriormente nos aprofundarmos nas análises das entrevistas temáticas.

Ao longo da pesquisa buscamos dialogar com Alessandro Portelli (2012, p.20) e Verena Alberti (2006, p.178). O texto intitulado “O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa”, que faz parte da obra *Ouvir Contar: textos em história oral*, (ALBERTI, 2006), apresentando ideias que indiquem a relevância e as peculiaridades do uso de História Oral.

Pensando na relação que a História Oral exerce sobre o risco do fascínio do vivido, presente nos estudos com fontes orais, Alberti alerta sobre o cuidado que se deve ter com a fala dos entrevistados, pois tais narrativas não podem ser concebidas como verdade. Além desse alerta, seu texto trabalha também as especificidades da História Oral, desconstruindo a ideia de que a mesma serve apenas para preencher lacunas, e argumentando na contribuição, para abordagem de experiências subjetivas, transformando a memória em narrativa e reconstruindo o passado.

Mas acreditamos que a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, nem tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade, e a da história oral como um todo, decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações sócio-culturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. (ALBERTI, 1990, p. 05)

Por meio do jogo das *entre/vistas* orais presenciamos diversos momentos de compartilhamento das experiências com outros possíveis futuros narradores. Um dos narradores assim se manifesta quando, no desenvolver da *entre/vista*, percebe a chegada de um companheiro de garimpo: “Estamos falando aqui pra mulher, dando entrevista sobre a vida dos garimpeiros de Serra Pelada. Dá aí uma entrevista dos garimpeiros ai pra mulher também.” (Elias, 2017).

Partindo desse momento promovido pela utilização dos métodos de História Oral, presenciamos a interação entre os indivíduos que compõem a *entre/vista* de História Oral, pesquisador e narrador ou narradores constroem por meio das trocas de olhares e relatos de experiências, uma relação de intersubjetividade que advém da multivocalidade e que resultará em um texto que é fruto da bipolaridade dialógica. Como afirma Alessandro Portelli:

Na história oral, enfim, o relato da história não é um fim em si mesmo. No que diz respeito ao entrevistador, visa à produção de um outro texto: uma fita, um vídeo, e, principalmente, um texto escrito, um livro. Essas diferenças resultam num uso diferente do espaço: em vez de uma ‘roda’ de ouvintes, a situação da entrevista institui uma bipolaridade dialógica, dois sujeitos face a face, mediados pelo emprego estratégico de um microfone. Em torno desse objeto os dois se olham. A ideia de que existe um ‘observado’ e um ‘observador’ é uma ilusão positivista: durante todo o tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções. A ‘entre/vista’, afinal, é uma troca de olhares. (PORTELLI, 2012, p.20)

Verena Alberti sinaliza ainda para a atitude equivocada que muitos pesquisadores aplicam no tratamento das entrevistas, julgando-as como uma história acabada. Para a autora o desafio do pesquisador após colher os relatos orais, está em analisar e interpretar as entrevistas de História Oral, assim como qualquer outro documento de estudo. Ao desenvolver o primeiro passo, que é a transcrição do relato oral gravado, é necessário fazer perguntas ao documento, e a partir dessas perguntas subtrair as evidências e os elementos que correspondem à problemática descrita nos objetivos da pesquisa.

3.1. Na expectativa constante do enriquecimento.

A atividade garimpeira recrutou muitos homens e mulheres, em maioria residente no estado do Maranhão. Esse movimento alimentava o sonho de muitos homens aventureiros e mulheres audaciosas, que se arriscavam deslocando-se para os garimpos a fim de alcançar algo melhor, por meio de oportunidades de trabalho em terras desconhecidas. Atraídos e atraídas

pela necessidade de *bamburrar* vagavam sem rumo pelos espaços dos garimpos, restando-lhes apenas a força e esperança como estratégia de sobrevivência.

O percurso argumentativo do capítulo, será reforçado por meio da leitura de produções acadêmica sobre os garimpos nas últimas décadas do século XX. Essas análises ajudarão no desenvolver do trabalho a compreender esse universo relacionado à migração, garimpo e trabalho.

Leticia da Luz Tedesco, em seus estudos sobre migrações contemporâneas, nos ajuda a pensar sobre esse debate:

O fluxo constante e heterogêneo de pessoas que vão e vêm para diferentes garimpos, movidas pelas notícias do ouro em uma determinada região, seus trânsitos inter-garimpos dentro de uma mesma região, ou até mesmo cruzando fronteiras nacionais, nos permitem pensar em circuitos garimpeiros enquanto rotas de trânsito para pessoas que acumulam experiências de trabalho em diferentes garimpos. (TEDESCO, 2005, p. 26).

A autora nos ajuda a entender sobre o processo transitório de muitos homens e mulheres motivados pelas fofocas alimentadas sobre o ouro. Nos auxilia também a entender sobre as experiências adquiridas no decorrer do fluxo de trabalho desses garimpeiros e garimpeiras, constituídos por meio de práticas e conhecimentos obtidos a partir da passagem por diversos garimpos do Brasil.

Conforme Leticia Tedesco, o deslocamento desses trabalhadores que, em busca da própria sorte, almejavam alcançar melhorias, encontrava-se no costume de uma constante mobilidade espacial, ou seja, incessantemente todos eles encontravam-se nos circuitos dos garimpos, no rastro da mina que pudesse realizar a contento seus desejos de melhores condições. O trecho a seguir nos auxilia um pouco sobre os cruzamentos e motivações que configuravam o rumar dos garimpeiros para os inúmeros garimpos do Brasil.

Trabalhei muito tempo nos garimpos, pra ver se criava meus irmãos, porque meu pai morreu muito cedo, eu fui criar meus seis irmãos, minha mãe e minha avó que era deficiente da vista, trabalhei muito pra criar esse povo, mas com a ajuda de Deus eu consegui, dos meus seis irmãos eu tenho irmão formado. (CURÚA, 2017)

Quanto as discussões relacionadas a memória, interpretaremos as representações dos garimpos na memória de moradores de Bacabal. Analisamos o texto “*O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944)*” de Alessandro Portelli. O massacre de Civitella contou com um conflito gerado pela morte de 115 civis italianos, todos eles mortos em um mesmo dia, em junho de 1944, pelos alemães.

Nessa obra percebe-se um interno conflito entre a memória da comunidade e a memória oficial, onde ambas são fragmentadas e divididas, gerando uma multiplicidade de memórias, que em suas particularidades trazem consigo diferentes fatos e acontecimentos, direcionando a pesquisa para um importante estudo sobre memória dividida.

Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é *social* e pode ser *compartilhada* (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história ‘social’); mas do mesmo modo que *langue* se opõe a *parole*, ela só materializa nas reminiscências e nos discursos individuais. (PORTELLI, 1998, p.125)

Conforme propõe Pollak (1989, p.04) em “Memória, Esquecimento, Silêncio” há uma relação existente entre a memória individual e os fatos que são silenciados ou esquecidos, nem tudo o que aconteceu será dito, nem tudo o que o sujeito viveu em determinado momento de sua vida, ele poderá relatar.

Isso ocorre por conta de vários fatores (interdições políticas, traumas, vergonha), aos quais tais fatos são esquecidos ou, na maioria das vezes, silenciados, não esquecendo também que a memória naturalmente acaba sendo seletiva, fazendo com que certas lembranças sejam narradas com uma riqueza de detalhes enquanto outras não.

Ainda no campo da memória é construído um movimento contrário ao percorrido por Pollak, o autor Maurice Halbwachs, expressa a memória como um fenômeno coletivo e não individual ajudando-nos a pensar sobre as memórias socialmente construídas entre os garimpeiros. Essas discussões se tornam importantes para compreendermos os enquadramentos sociais da memória, que se tornam um aspecto importante a ser compreendido dentro do trabalho monográfico.

Os garimpeiros dependiam das condições proporcionadas pelos aspectos de lucros para se fixar ou não nas terras de concentração aurífera. Tais personagens se destacam por suas condições de deslocamento territorial e percorrem um caminho que se caracteriza tanto por meio das perspectivas estimulantes, quanto pela intensidade dos resultados desesperadores. O fragmento a seguir nos auxilia a entender sobre as relações dos garimpeiros com o trabalho de garimpagem, pontuando sobre a jornada de trabalho e a reconfiguração do local de extração do ouro proporcionada pela prática do garimpar:

Os garimpeiros, na acepção da palavra, são os que trabalham “diretamente” na extração do minério. Estes apresentam diferentes formas de relação com o ofício: existem aqueles que trabalham no garimpo só durante algumas semanas e retornam, em seguida, às suas atividades urbanas ou rurais e existem os garimpeiros de tempo integral, que empreendem jornadas de uma a outra região do garimpo. Estes

garimpeiros vão transformando e recriando, com seu trabalho, a história da paisagem das regiões nas quais se inserem, integrando-se ou não às suas atividades econômicas. (PASSOS, 2001)

Por meio do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, conseguimos dialogar com a produção antropológica e historiográfica sobre o garimpo, a partir de diálogos que se constroem na perspectiva de um breve histórico do surgimento dos garimpos, exclusivamente o de Serra Pelada.

Os artigos em torno dessa temática realizam um trabalho que estrutura as várias etapas do garimpo, mapeando os seus personagens desde o início de 1979, período representado historicamente como marco da corrida pelo ouro no Brasil Contemporâneo

Na década de 1980 é identificado um significativo crescimento econômico e demográfico na estrutura interna do garimpo, cerca de 5.000 homens nesse período compartilham a expectativa do enriquecimento dentro do garimpo de Serra Pelada. É por meio da presença constante desses personagens que uma das grandes empresas mineradoras é atraída para esse campo, a Companhia Vale do Rio Doce. Nesse período marca sua presença, onde uma vez dentro das áreas de concessão estabelecidas dentro do garimpo de Serra Pelada, exercia plenos direitos econômicos, demarcando desde o preço do ouro até o valor que cada garimpeiro deveria ganhar. (MATHIS, 1995, p.07).

Conforme Mathis (1995, p.13) a luta dos garimpeiros se configurava para além do trabalho pesado. Ameaçados com o fechamento do garimpo no ano de 1982, muitos garimpeiros organizam-se por meio de uma constante resistência contra essa decisão. É então por meio desse sentimento de resistência que são criadas as cooperativas que em um primeiro momento surgiram como supervisão da garimpagem, mas que, posteriormente, se tornaria um órgão repressivo e controlador, indo contra os anseios dos migrantes responsáveis pelo serviço pesado.

As cooperativas foram criadas para exercer representatividade dos garimpeiros, mas na realidade nunca um meio representativo da classe e sim uma frente política que representava especificamente os interesses dos donos de barrancos. Por meio desses artigos, conseguimos compreender inicialmente um pouco sobre a historiografia já existente do garimpo, elencando as condições de vida e de trabalho que esses migrantes vivenciavam em seu cotidiano de garimpagem.

Por meio do conceito de imaginário social (Baczko), *representação* e *apropriação* (Chartier) analisa-se o conjunto de ideias imagens que passam a definir o local de moradia dos migrantes e os garimpos. Ao utilizar o conceito de imaginário social, que se aplica nas áreas da

sociologia, antropologia, psicologia e história, dialogo com Bronislaw Baczko (1985), isso nos ajudou a refletir sob a construção de aspectos ilusórios, indo da solução para a perplexidade entre o jogo contraditório da conservação a mudança, onde o que é real se mistura ao que é ilusório.

A autora Sandra Pesavento contribui bastante sobre o historiador Bronislaw Baczko e o que define o imaginário social:

O historiador Bronislaw Baczko, que assim define o imaginário, atribui a esse conceito características de historicidade e abrangência. O imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real. Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidade e por práticas, ritos, performances. O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito. (PESAVENTO, 2008, p.43)

O conceito de representação construído por Roger Chartier nos auxiliará nas análises de um conjunto de ideias-imagens construídos sobre os garimpos, a expectativa de enriquecimento e a oportunidade de *bamburrar*, onde buscaremos por meio desse conceito nortear um dos significativos objetivos que demarcam a problemática da migração, compreendendo os motivos que explicam o rumar dos migrantes que seguiam do Médio Mearim para os espalhados garimpos do Brasil.

Por meio da obra da autora Laura de Melo e Souza, intitulada *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII* buscamos entender por intermédio dos estratos sociais, como se produziu uma grande quantidade de pobres dentro da estrutura da sociedade mineira. Os desclassificados sociais fazem parte de uma camada de indivíduos que nos ajudam a entender como se dá o processo da pobreza mineira do século XVIII, personagens assolados pelo signo da fome que marca significativamente os anos de 1697 e 1698.

A obra nos ajuda a pensar em como uma atividade de exploração do ouro que na lógica geraria riquezas infinitas, acabou gerando uma enorme camada de miseráveis. Além de entender também como se dava a utilidade desses vadios e suas relações dentro da colônia.

Um dos capítulos da obra que recebe o nome *O falso fausto* nos ajuda a compreender que no período colonial a riqueza era de poucos, mas era representada como se todos tivessem acesso. Por meio desse capítulo foi possível mapear um fluxo significativo de pessoas na busca do nobre metal da América Portuguesa.

O falso fausto em questão corresponde à falsa sensação de riqueza que o ouro carrega por meio de seu simbolismo místico e econômico, provocando um enriquecimento

aparente e alimentando ainda mais o imaginário de muitos migrantes que rumavam para as minas em busca do metal precioso. Isso se dava também pelo fato da realização das festas católicas que criavam uma zona ilusória de compartilhamento, onde toda a sociedade colonial seria rica e igualitária.

O percurso teórico e metodológico também perpassa pelo momento historiográfico em que a migração direcionada para os garimpos da região norte e Centro Oeste do Brasil se torna um fato constantemente relatado e presenciado em outras regiões. A autora Regina Beatriz Guimarães Neto em sua obra *Cidades da Mineração* (2006) sinaliza para a grande massa de maranhenses presenciada entre os chamados nortistas, que rumavam em busca das minas e cidades com indícios de garimpo.

Conforme Regina Beatriz aponta:

As rarefeitas menções bibliográficas ao percurso que os nortistas utilizaram em seu movimento migratório, tendo em vista as áreas de mineração de Mato Grosso são esclarecedoras do tratamento que uma parte da historiografia lhe reservou, visto como um acontecimento que se deu de modo natural e previsível. Foram caminhos árduos, opções penosas, reveladoras de situações políticas desastrosas para homens e mulheres destituídos de bens. Muitos vieram a pé, como se sabe com saco nas costas – nem mesmo acesso pelo rio Araguaia puderam ter: Não dispunham de dinheiro, ou de qualquer outro meio para adquirir uma embarcação, a não ser quando conseguiam ajeitar com os mercadores que subiam o rio. Em várias famílias, muitas vezes, alguns de seus membros ficaram para trás, ou o pai morreu, ou a mãe morreu, ou um dos filhos morreu. Não se esquecendo que, para uma grande parte, desde que saiu do seu lugar de nascimento, o movimento de deslocamento levou vários anos, até o momento em que se estabeleceram provisoriamente ou de forma mais permanente em alguma área de mineração, que depois veio a se tornar povoado, Vila ou mesmo cidade. (GUIMARÃES, 2006, p.100)

A autora sinaliza a trajetória dos caminhantes e menciona a presença de grupos do Maranhão, buscando constantemente nos garimpos situados no leste de Mato Grosso, melhorias de vida. Tais expectativas eram alimentadas por meio do imaginário construído em torno das cidades da mineração:

Do Norte para o Sul, do Norte para o Oeste: foram essas as direções que muitos nortistas, embrenhando-se pelos sertões, tomaram, no final do século XIX e inícios do século XX; levadas e mais levadas de trabalhadores sujeitaram-se às frentes de trabalho, articuladas, sobretudo em função do extrativismo vegetal ou mineral. Além dos registros que se têm, dos deslocamentos migratórios a partir do Nordeste, à procura do Sul, deslocamentos rumos aos vales das minas [...] Este é o aspecto, no que toca essas localidades, que mais interessa assinalar: sua importância como novo ponto de partida para os deslocamentos migratórios, em direção às áreas de mineração do Leste de Mato Grosso, configurando-se, desse modo, como lugar-passageiro para grupos que vinham do Maranhão e Bahia, em especial. (GUIMARÃES, 2006, p.90,92)

Em seu livro expõe também um pouco da representação simbólica que é construída em torno dos personagens, maranhenses, piauienses, cearenses, paraibanos, pernambucanos e baianos. Segundo a autora:

[...] Fabrica-se a representação de um "Nordestino" quase sempre dotado de qualidades desbravadoras e, outras vezes, transformados em destemidos garimpeiros de Pistoleiros - maranhenses, piauienses, cearenses, paraibanos, pernambucanos e baianos - que serão chamados de "os Caçadores de diamantes". (GUIMARÃES, 2006, p.101)

3.2. Rotina dos Garimpeiros: nas encruzilhadas do ouro.

Analisando as 14 entrevistas realizadas na cidade de Bacabal-MA, foi possível delimitar que os homens que migraram para os garimpos do Norte do país, em sua maioria eram do estado do Maranhão, especialmente nascidos no Médio Mearim, muitos deles eram casados e ficavam no garimpo cerca de cinco a oito anos, em um dos casos um entrevistado transitou ao longo de 20 (vinte) anos por garimpos.

Nas entrevistas os garimpeiros relatam que normalmente não ficavam o ano todo no garimpo, muitos permaneciam cerca de três a quatro meses e depois retornavam para suas casas. Por meio das narrativas dos garimpeiros é possível mapear que essas intermitências, tinham como principal causa as mudanças climáticas, as alternâncias entre verão e inverno. Seu Ari relata que: “trabalhei na Serra Pelada na década de oitenta até oitenta e quatro, eu trabalhava de Maio á Setembro, mês de setembro sempre chuvia, o garimpo fechava e a gente vinha embora, quando era em Maio começava a secar e ai a gente ia trabalhar de novo”. (ARI, 2017)

A partir da análise das narrativas dos garimpeiros foi possível delimitar para quais garimpos esses homens rumavam. Seu Codado² conhecido nos garimpos pelo apelido Bigode, migrou para diversos garimpos na região de Boa Vista e garimpos que ficavam na divisa do Amazonas e Guiana Francesa.

Fui para o garimpo Novo Cruzado, lá pras bandas de Boa Vista, que depois esse garimpo foi até fechado pela policia Federal. Lá era um garimpo ilegal. Eu fui também pra um garimpo chamado Trombeta, que fica entre as divisas da Amazônia, Roraima e Guiana Francesa. (CODADO, 2017)

² O garimpeiro prefere ser chamado pelo nome Codado, tem 58 anos e atualmente reside na cidade de Bacabal - MA

Seu João Batista relata que migrou pra dois garimpos, onde a solidão, o espírito de aventura e o medo de não voltar para casa o acompanhava “*fui para o garimpo de Cumaru e Satélite*”. (BATISTA, 2017)

Seu Curuá trabalhou em garimpos situados no estado do Pará, como Maria Bonita, Cumaru, Mamual, Grota de Areia (município de Peixoto de Azevedo), Satélite, Castelo do Sonho e no garimpo situado na margem do Rio Curuá. Migrando também para garimpos na Venezuela.

Eu fui até a Venezuela, depois retornei pra cá, passei uns dois anos em casa aí depois eu voltei de novo pra lá onde fui trabaia, eu trabaiei na Maria Bonita, no Cumaru, na Venezuela eu passei uns seis meses, depois trabaiei num garimpo chamado Mamual e o tempo todo nesse movimento de ir no garimpo e voltar em casa. (CURUÁ, 2017)

Seu Curuá relata, durante a entrevista, como acontecia o trabalho dentro do garimpo, essa narrativa se torna interessante, pois a partir desse relato foi possível entender mais elementos da vida no garimpo.

Oia, lá era o seguinte: a gente entrava pro mato. Eu acho que vocês não sabem o que é garimpo ainda não, né? Não sabe não, né? A gente entrava pro mato aí quando chegava lá, você pegava logo um rancho que tivesse o ouro, né!! Você penteava por meio daquele barro de cima, aí quando chegava no cascalho. O cascalho é uma pedra branca, como uma areia branquinha, aí quando você, aí no meio daquele cascalho tem o ouro, né! Aí quando você tira aquele cascalho, você vai lavando, aí é que você apresenta o ouro na máquina, a gente chama de máquina, né. (CURUÁ, 2017).

Seguindo sempre no dinamismo de idas e vindas foi possível mapear tanto na fala de seu Curuá quanto na narrativa de seu Ari que os trabalhos de garimpagem eram realizados em determinados períodos. Seu Ari relaciona esse dinamismo que é recorrente na fala de todos os garimpeiros as estações do ano Inverno e Verão.

Não, nós só ficava lá enquanto o Garimpo tava funcionando, porque o Garimpo lá só funcionava no Verão, no inverno ele não funcionava por causa das barreiras que desmoronavam, então no inverno era pra ir no Maquinário pra fazer o rebaixamento que era pra gente poder trabalhar no Verão. (ARI, 2017).

Seu Ari também relata como era o cotidiano do garimpeiro em Serra Pelada, um cotidiano de muito trabalho, exposição ao perigo, mas que era superado diante da vontade de “*bamburrar*”.

Todo dia descíamos pro barranco pra carregar os sacos de terra, essa era a nossa rotina, umas cinco horas... cinco e meia o caba já estava descendo pra lá, lá chama-se

barranco. O barranco é isso aqui ó!! Dois metros aqui, com metro aqui o (simétrica ilustrativa) Tá certo? Isso aqui é a média pra dez homens trabalhar, é um cavando, um enchendo os Sacos e o outro... e os outros carregavam. (ARI, 2017)

Dentre as doenças mais recorrentes nos garimpos, muitos garimpeiros se queixavam da malária, como a principal doença que acabava interrompendo o sonho de muitos migrantes maranhenses. Seu Curuá, o garimpeiro que mais sofreu com essa doença, relata como a malária era representada entre os garimpeiros de Maria Bonita.

Cada Malária era uma Cruz, tipo uma Cruz, uma cruz e meia e duas, cada uma. A pessoa que pegava Malária na Maria Bonita, era mais pesada? Era, era mais pesada, agora dizem eles que a Malária mais pesada era aquela de meia Cruz, diz que era a pior que tinha de se carregar, o resto é de duas, uma, uma e meia mais... Eu não sei. Eles é quem falam, eu não sei muito bem. (CURUÁ, 2017).

Nas entrevistas de História Oral encontramos também pessoas naturais de outros estados como Piauí e Ceará, alguns solteiros, outros casados, e a maioria analfabetos. Utilizando os relatos orais coletados nas entrevistas temáticas foi possível construir duas tabelas que nos possibilitou mapear as expectativas geradas pela migração desses personagens, que migravam em direção às zonas de mineração. Portanto, foi possível identificar algumas características que nos possibilitou compreender questões sobre: o cotidiano de trabalho, a qualidade de vida e o processo migratório dos homens residentes na região do Médio Mearim.

Por meio desse mapeamento foi possível estruturar como os garimpeiros construía a narrativa de representação do mundo do garimpo. Além de mapear os motivos de expulsão do local de moradia desses migrantes e o conjunto de ideias-imagens que norteavam a atração para os garimpos.

3.2.1 Perfil dos Garimpeiros entrevistados.

Nome	Idade Atual/ Idade nos tempos de trabalho no garimpo	Profissão	O que ganhou com o garimpo?	Profissão dos Pais	Local de Nascimento	Representação do Garimpo	Situação Conjugal	Ano que foi para o garimpo?	Malária	Local de Residência	Motivos de Migração para o garimpo?
<i>Antônio Cantanhede</i>	78 / 45	Aposentado	Não Ganhou nada, só malária e vários problemas relacionados ao trabalho pesado do garimpo.	Lavradores (Pai: Roça; Mãe: Quebradeira de Coco)	Vitória do Mearim	Um lugar muito falado, lugar de se ganhar dinheiro.	Viúvo (Esposa faleceu depois que chegou do garimpo)	1985	1 vez	Bacabal - MA	“Fui fazer uma aventura, mas não deu certo nada pra mim.”
<i>Ari</i>	70 / 30	Dono de uma loja de calçados	Um valor de quarenta e cinco	Trabalhavam com roça, plantando arroz, milho, mandioca e	Piauí	Lugar mais rico do mundo.	Casado	De 1980 á 1984.	x	Bacabal – MA	“Fui pro garimpo por causa da condição financeira, fui

			mil, mas não fez nada produtivo.	cana, com a plantação da cana fabricavam cachaça e rapadura.							pra lá tentar a sorte, ver se ganhava algum dinheiro... com ambição de enricar”
<i>Codado/bigode</i>	58 / 32	Taxista	Uma casa própria	Roça	Piauí	Lugar de aventura, lugar de sofrimento, lugar de muito trabalho e aprendizado, onde se tem que ter muita coragem pra ir rumo á ele	Solteiro (Separou assim que voltou do garimpo)	92 (Passou oito meses) e 95 (Passou dois anos e dois meses)	3 vezes	Bacabal – MA	Intuito de melhorar de vida
<i>Curuá</i>	63 / 22					Lugar de sofrimento e aprendizado,	Casado		5 vezes		Com o pai falecido, teve que começar a trabalhar desde cedo, com isso ele vê no

		Dono de comércio	Um terreno, duas casas, uma fazenda no interior e o próprio comércio.	Mãe; dona de casa.	São Luís Gonzaga - MA	um lugar onde se encontra o ouro e desse ouro se constrói uma vida melhor.		De 77 á 99.		Bacabal – MA	garimpo um modo de criar os irmãos, dos quais ele cita que um dos irmãos hoje é formado, com a ajuda do trabalho no garimpo.
<i>Elias</i>	73 / 30	Vendedor de verdura	Um pouco de dinheiro para pagar as contas, beber umas cachaças e escapar...	Trabalhavam na roça.	Ceará / Boa Viagem	Lugar de aventura, muito trabalho e perigoso.	Casado	Década de 80 á 81	2 vezes	Bacabal - MA	“Pra escapar da difícil situação em que vivia.”
<i>Eugênio Nunes</i>	70 / 36	Aposentado	Ganhou Experiência, aprendeu sobre o garimpo e por fim a tão	O pai era Funcionário Público e a mãe dona de casa.	Chapadinha - MA	“Lugar de muitas brigas, lugar muito perigoso onde se via gente de	Solteiro	85 a 87	Várias vezes durante os anos	Bacabal - MA	“Fui para o garimpo pra conhecer como era lá e fazer as carteiras dos garimpeiros para

			esperada aposentadoria.			todo lugar do mundo.”			de 85 a 87		que eles tivessem direitos”
José Ribamar Silva	68 / 32	Vendedor de verdura	Não conseguiu nada	Lavradores	Alto Alegre -MA	Um lugar onde se você tiver a sorte de encontrar o ouro, tudo bem! Mas se não, você vai só sofrer.	Casado	83	x	Bacabal - MA	“Fui mesmo por ir. Fui por causa das fofocas que os homens falavam do garimpo, fui caçar crescer... todo garimpo tem fofoca moço”
João Batista Aguiar	72 / 35	Operador de máquina.	O garimpo lhe deu uma casa, uma geladeira, umas doses de whisky e umas grades de cerveja.	Mãe: quebradeira de coco Pai: trabalhava na roça.	Santa Rita - MA	Lugar de sofrimento, lugar onde a maioria tudo que ganhava acabava por lá mesmo... terra do cão.	Casado	Ano de 81 e 82	x	Bacabal - MA	Se aventurar no garimpo do Cumaru, e ganhar dinheiro pra arrumar a casa.

Manoel do Sorvete	56 / 20	Vendedor de sorvete	Nunca teve sorte de ganhar nada no garimpo.	Lavradores, pai falecido.	São Luís Gonzaga - MA	Um lugar bom para quem tem sorte e que goste de trabalhar.	Casado	Ano de 82	x	Bacabal - MA	“Ir ganhar dinheiro, pra poder criar o filho.”
Múndico do Limão	65 / 29	Vendedor de limão	Não ganhou nada de muito valor no garimpo, ganhou só um dinheirinho pra pagar as contas.	Trabalhavam de roça.	Bacabal - MA	Lugar de muito esforço, esperança.	Casado	Ano de 82	x	Bacabal - MA	“Tentar a sorte, melhorar a vida, conseguir alguma coisa para o sustento da família.”
Raimundo Chaga de Almeida	78 / 37	Aposentado	Quase nada.	Pai: Lavrador Mãe: dona de casa	Livramento - MA	Lugar de muito trabalho, perigo, cansaço e aventura.	Casado	Ano de 80 á 88	x	Bacabal - MA	“Aventurar a sorte, ir em busca do dinheiro abençoada do garimpo, na vontade de encontrar o ouro que ajudaria a

											cuidar melhor da família.”
Raimundo Queiroz Sousa	68 / 32	Dono de bar	Nada de vantagem, só sofrimento.	Viviam de roça. Pai: vendedor de verdura Mãe: dona de casa.	Povoado Boa Vista da Tábuá/ Bacabal – MA	Lugar de muito ouro, onde quem chegava lá ficava muito rico.	Casado	Ano de 80	x	Bacabal - MA	“Quando surge o garimpo, a fofoca se espalha, com a notícia de que lá nesse lugar, estava dando muito ouro, então eu fui pra lá.”.

Tabela 1: Perfil dos Garimpeiros entrevistados

Fonte: Tabulado pelo Autor

Através das entrevistas realizadas e estruturação da tabela anteriormente supracitada, percebemos a referência constante da migração para o garimpo de Serra Pelada entre homens do município de Bacabal nas décadas de 1980 a 1990, outros garimpos também são mencionados, como: Cumaru, Maria Bonita, Retiro do Guará-Pará e Macedônia, localizados no sudeste do estado do Pará, entre os rios Naja e Branco.

Buscamos por meio da estruturação deste capítulo, entender a cultura do garimpo e como cada homem construiu seu contexto de migração, dominação e exclusão. Almejando compreender as formas de trabalho, como se constituíam as viagens até o garimpo, como era o cotidiano e a organização dentro das minas. É importante também sinalizar as relações de poder que se fazem presentes no universo do garimpo, tentando compreender tais relações entre os donos de barranco e os trabalhadores braçais. Visamos identificar em quais condições esses homens eram submetidos no garimpo.

A moradia lá a gente morava num barraco coberto de plástico preto, o barraco era de plástico Preto e os outros barracos era aberto, ninguém tinha conforto não, lá era sofrido!... A alimentação era boa demais, porque lá se não tivesse aquela alimentação muito boa o homem não resistia àquele serviço... sempre no barraco a média era doze pessoas... Todo dia descíamos pro barranco pra carregar os sacos de terra, essa era a nossa rotina, umas cinco horas, cinco e meia o caba já estava descendo pro barranco. Isso aqui é a média pra dez homens trabalhar, é um cavando, um enchendo os saco e os outros, os outros carregavam. (ARI, 2017)

Por meio da narrativa do garimpeiro que prefere ser chamado pelo apelido concebido no garimpo, foi possível entender um pouco sobre a construção dos locais de moradias dos garimpeiros, a alimentação e a rotina de trabalho no cotidiano do garimpo. Seu Ari relata um pouco sobre as condições internas do garimpo, por meio de sua narrativa conseguimos identificar e classificar o garimpo como um local de rotina de trabalho cansativa e constituída de perigos e armadilhas.

Por meio das análises dos relatos de memórias dos garimpeiros residentes na região do Médio Mearim, foi possível construir uma segunda tabela, norteando como ocorria o cotidiano dos garimpeiros dentro dos espaços de trabalho. Conseguimos compreender dentre alguns fatores, os aspectos relacionados as condições de trabalho e circunstâncias de sobrevivência que muitos homens e mulheres eram submetidos no interior do garimpo.

Como solução para o desemprego, é na garimpagem que milhares de trabalhadores rurais e desempregados depositam suas esperanças, como o trecho retirado de um dos jornais apresenta, “era na lavagem do “Cascalho”, na virada da “Bateia”, que o garimpeiro conseguiria ou não encontrar a sua salvação econômica.” (O Imparcial. 01/09/83- quinta-feira)

A alimentação não poderia faltar e seu preparo deveria ser realizado com bastante consistência, para que o trabalhador pudesse aguentar a exaustiva rotina de trabalho dentro dos espaços de garimpagem. A tabela seguinte nos ajuda a compreender por meio da narrativa sobre os horários de entrada e saída da atividade de garimpagem e constrói um panorama que nos auxilia em compreender sobre as divisões de trabalho dentro dos locais de mineração:

3.2.2 Condições de trabalho e de vida nos espaços de garimpo.

NOME DO GARIMPEIRO	CONDIÇÕES DE TRABALHO	CONDIÇÕES DE VIDA
<i>Antônio Cantanhede</i>	“Quando amanhecia o dia, tinha que bater a água do buraco que a gente abria procurando ouro. A gente tirava o barro na chupadeira, o serviço era pesado e no final não tinha ouro só trabalho.”	“Fiquei muito triste quando vi a situação do pessoal lá, que estavam com a malária, já sabendo que também ia pegar. A vida dentro do garimpo é muito difícil, por causa da malária. Lá, ninguém falava em saúde, quem tivesse mais sorte era que tinha vantagem. Chegava lá nos barracos, o caba tava todo enrolado, dos pés à cabeça batendo o queixo, igual uma vara verde, isso era por causa do frio que a malária dava.”

<p><i>Ari</i></p>	<p>“Lá era muito difícil da gente trabalhar. Lá nos subia numa escada que o nome da escada era “Adeus mamãe”. Ela tinha cento e trinta e nove dregau, a gente entrava na mata e lá na mata, (nessa época tinha mata ao redor de Serra Pelada) era um pau que cresce linherinho mais fino, tem um pau grosso, mas esse era fino, a gente cortava o pau, cortava o pé e aparava em cima, aí vinha aquele trecho de homem trazendo conforme o necessário dos homens, aí a gente colocava aquele pau pra fazer aquela escada, degrauzinho perto. O que que acontecia, nós subia três no dregau, o dregau tá aqui né! Ia um aqui no meio entre um pau e outro, aqui... lá o negócio meu amigo não era fácil, era bem difícil”</p>	<p>“A alimentação era boa demais, porque lá se não tivesse aquela alimentação muito boa o homem não resistia àquele serviço certo? Na alimentação a gente ia tomar o café bem cedo com leite, nove hora merenda novamente, onze hora era o almoço, três da tarde merenda e seis hora era a janta e as vezes nove hora da noite ainda tinha um lanche, nego comia que só, nego comia muito e o de comer era mau feito..(Risos) mas lá o caba tinha que enfrentar.”</p>
	<p>“Hoje estão trabalhando no sistema moderno, estão trabalhando no garimpo de hoje com a retroescavadeira. Ela limpa o terreno e vai até onde está o ouro, nós fomos pro garimpo e nós tinha que baixar o barranco na chibanca mesmo ou na enxada ou então com o motor, o</p>	<p>“As condições de vida dentro do garimpo eram precárias, a vida de garimpeiro não era nada fácil, só se entrava no garimpo de avião ou a pé. O cara quando não tinha jeito dentro do garimpo acabava se rasgando internamente. Cortando manual o barranco,</p>

<p><i>Codado / Bigode</i></p>	<p>motor jogava aquele jato d'água para furar o chão, e tem um outro que é a “Maraca” uma mangueira que jogava a terra lá, lá fora a chamada “chupadeira”, que fazia aquele buraco para chegar até onde tá o ouro. Hoje o garimpo tá manso, o garimpo hoje tá diferente, eu andava dentro da mata, carregando óleo pra abastecer o motor. Era duas três horas carregando às vezes uns “caróte” de 50 ou as vezes de 60 litros nas costas, não era qualquer homem que queria fazer esse serviço, porque não é fácil carregar 50 litros nas costas, um trabalho muito pesado. Era uns caróte azul de duas azeas, o peso do caróte, às vezes me puxava para trás, quase que eu caia. Mas depois que você pega a prática tudo vai ficando no ponto.”</p>	<p>ele botava muita força e às vezes deslocava um braço ou às vezes quebrava uma perna, por causa da força e do jeito. Se o cara não tivesse cuidado, a força que ele botava com o peso dos sacos de pedra que ele levava nas costas, se ele não tivesse jeito de levar esses sacos, acabava rasgando seus músculos ou sofrendo alguma queda. precisava ter muito jeito, se não o cara acabava se adoecendo bem ligeirinho. você tinha que entrar prestando bem atenção como era que os profissionais, bem antigos, já faziam para que você não se adoecesse, senão você já se adoecia logo de entrada.”</p>
<p><i>Curuá</i></p>	<p>“A gente entrava pro mato, aí quando chegava lá, você pegava logo um rancho que tivesse o ouro, né! Você penteava por meio daquele barro de cima, aí chegava no cascalho. O cascalho é uma pedra branca, como uma areia branquinha, aí no meio daquele cascalho tem o</p>	<p>“Vida no garimpo é muito difícil, você trabalha a semana todinha levantando duas horas da manhã, três horas, quatro horas da madrugada, aí trabalha até seis horas do dia, as vezes ate sete horas, aí cochila , toma um banho, aí janta e vai se deitar, no outro dia tá do mesmo jeito é uma vida muito pesada, viu?”</p>

	ouro, né! Aí quando você tira aquele cascalho, vai lavando, e aí, é que você vai olhando o ouro”	
Elias	“Trabaiava era carregando saco, camarada carregava dez pá de terra nas costas, no dia que não carregava quarenta saco o patrão não dava de comer, tinha que botar quarenta saco no dia.”	“As condições lá dentro do garimpo eram de muito trabalho, e era necessário você ter muita atenção pois bem perto de onde eu estava trabalhando, caiu uma escada que matou uns 4 garimpeiros, já caiu morto, quase todo dia acontecia isso. “
Eugênio	“Vinha aqui (Maranhão) passava um mês ou dois e depois voltava para garimpo, o governo pagava tudo. Eu não trabalhava no barranco eu trabalhava tirando carteira pros garimpeiros, essa carteira era mais ou menos uns trinta reais nos dias de hoje. A carteira ajudou muitos que estavam doentes.”	“A vida de garimpo pelo que eu via era uma vida muito perigosa, cheia de violência, muito sofrida também, foi por causa disso que eu parei de ir tirar as carteiras. “
	“O serviço de garimpeiro era cavar e depois jogar a terra na muntueira, o dia todinho o caba fazia esse serviço, a	“Passei muita necessidade, porque primeiramente a caba já sai de casa para ganhar, né? Lá no garimpo

<p><i>José Ribamar</i></p>	<p>caba sofria muito. Quem arranjou alguma coisa arranjou e quem não arranjou nada, pelo menos arranjou uma doença.”</p>	<p>“você não deixou e também não levou, então, você vai sofrer né? Primeira coisa é que você não tem conhecimento com ninguém de lá, ai fica atoa lá. Ai quando você acha alguém lá pelo menos da de escapar e quando você não acha ninguém? Você acaba passando muito mau.”</p>
<p><i>João Batista</i></p>	<p>“Descia pro baixão e lá o trabalho era um prato de comida, era para catar pedra e depois pegar o almoço. O de comer dentro do garimpo tem de mais, ninguém suvina não! Mas também é um trabalho de muita luta. Trabalhei catando pedra, muita das vezes eles pegavam a maraca e jogavam assim dentro lá de onde a gente tava, tinha vez que eles metiam a maraca nos novatos. Cavava o chão com a pá, às vezes usava a enxada, duas pessoas pra fazer um buraco de dez por dez, cavava numa faixa de um metro, ai quando chegava numa laje dura, pegava o inchadeco, pra essa laje ser quebrada, tinha que bater com muita força, depois disso lavava tudo aquilo numa bacia que a gente chamava de bateia.”</p>	<p>“Todo garimpo é violento, O que faz mais a violência dentro do garimpo é a bebedeira e a mulherada, é só isso, a violência provém disso... O caba é morto e ninguém nem sabe onde ele tá enterrado. O garimpo tem muitos desastres e muitas coisas ruins.”</p>

<p><i>Manoel do Sorvete</i></p>	<p>“A gente trabalhava naquele negócio de carregar saco, né? Subir escada, descer escada, e viver com desmoroamento de barranco. Um trabalho muito sofrido, uns pagavam na porcentagem, outros pagavam na diária, pras pessoas trabalhar na porcentagem era melhor, porque aí você ficava hospedado no barraco e aquele ouro que a pessoa pegava dava dela tirar a porcentagem dela.”</p>	<p>“A vida de garimpo não é boa, muito sofrida também, né! Lá quem tem mais condição de dinheiro construía o barraco de tabua, bem mais feitinho. Agora sabe como é pião né? Construía um barraco de lona ou as vez coberto de paia, acordava cedo, durmia tarde.”</p>
<p><i>Mundico do Limão</i></p>	<p>“A meia praça é assim: por acaso um moço é o dono do barranco, ele colocava cinco meia praça, o que era a meia praça? Era os garimpeiros que trabalhavam e ganhavam como porcentagem, e ainda tinha mais, se desse ouro eu tinha direito se não desse, o meu trabalho tava perdido. É que nem ele, que estava gastando naquele garimpo o que ele tinha, tentando arrumar alguma coisa, se desse ouro ele tinha assim como eu também teria. Assim se desse o ouro cada qual tinha sua porcentagem, a meia praça era por conta do dono do barranco.”</p>	<p>“O medo que eu tinha de lá, era de entrar pra dentro do garimpo e não voltar. Quando minha família soubesse já tinha morrido ou estava soterrado por lá, o medo que eu tinha de lá era só isso, não tinha medo de outra coisa não.”</p>

<p><i>Raimundo Chaga</i></p>	<p>“Cavando terra, carregando a terra e subindo a escada “Adeus Mamãe”. Essa escada chega balançava com a gente lá em cima, eu mesmo no tempo que tavam cavando, eu estava fazendo o de comer pros piões, eu era o “Cuca” (risos).”</p>	<p>“O cotidiano dos garimpeiros era trabalhar comer e dormir a única coisa e mais nada. Me colocaram logo pra eu cozinhar, porque eu disse que sabia cozinhar, aí me colocaram pra cozinhar e eu fiquei, né! De manhã eu já cozinhava o que tinha, sabia que o patrão quando não comprava carne que a maior parte era de tarde, eu já temperava e deixava no ponto de fazer o frito pra nove horas tá no ponto. cuidava logo do almoço, esse horário das 12 já tava no ponto e depois ia cuidar de fazer a janta.”</p>
<p><i>Raimundo Queiroz</i></p>	<p>“A terra era dos índios! Tudo era dos índios. Eu vinha em casa e voltava de novo, lá no garimpo, tinha um aparelhinho que a gente comprava pra pegar o fagulho de ouro e aí eu fazia aquele, chamado reque, fazia aquele requinho, vendia aí vinha em casa e voltava. É vida triste a vida de garimpeiro, é sofrimento.</p> <p>O trabalho no garimpo é pesado, porque a pessoa tá lutando com terra pesada... lá, tinha o movimento, ia</p>	<p>“Pra nós, água não tinha. Só os índios que tinham. Aí a gente interou uma peixada com os índios e eles iam arrumar numa carcaça. (pensativo). comia muito milho! Fazia aquele anguzim de milho, tinha arroz também, ia tudo dentro, tudo, tudo. Cozinhava no Fogareiro e no fogão, quando tinha. Botei uma mulher pra cozinhar e aí o negócio foi rodando “mió”, quando não tinha mulher era nós mesmo!</p>

	<p>pegar o baguim de ouro, vendia e aí comprava os comer, comprava o arroz, farinha e vinha tudinho de rebolado. Lucro? Nada...nada... era só a malária mesmo, e quando pegava, o caba vinha logo morrer em casa”.</p>	<p>Quando não tinha mulher era nós mesmo! (repete a frase). As panelas não tinha “frevia” na lata, e naquelas caçarolas grandes. É vida de doido, doido! (pensativo) É vida de doido! (repete novamente). Não tem condição boa.</p>
--	--	---

Tabela 2: Condições de trabalho e de vida nos espaços de garimpo

Fonte: Tabulado pelo Autor

4. NOS GARIMPOS E CURRUTELAS: interpretando as notícias dos jornais e as representações das cidadelas em torno dos garimpos.

Iniciamos as discussões deste capítulo analisando as notícias encontradas nos jornais “*O Estado do Maranhão*” e “*O Imparcial*”, associado com as narrativas dos garimpeiros e pôr fim utilizando a bibliografia teórica e temática disponível sobre migração e trabalho no garimpo. Os caminhos percorridos até o momento são frutos dos resultados previamente alcançados e o aprofundamento dos problemas elencados no trabalho.

Tais resultados fazem parte de um árduo, cansativo e compensatório trabalho de prospecção dos relatos de memória, das investigações das notícias veiculadas nos jornais e um conjunto de leituras e análises bibliográficas que correspondem ao objeto de estudo.

Para notabilizar ainda mais o contexto de migração e o deslocamento de homens residentes no Médio Mearim para os garimpos foi realizado um breve levantamento das notícias que circulavam nos jornais *O Estado do Maranhão*, *O Imparcial*, *Jornal Pequeno*, *Jornal O Povo Maranhense* e o *Jornal de Caxias* na década de 1980, apontada nas entrevistas, como momento de intensa migração para garimpos, especialmente o de Serra Pelada.

Para Maria Helena Capelato, professora do Departamento de História da faculdade de São Paulo (FFCCH-USP), ao se empregar o uso de jornais como fonte de pesquisa o historiador deve levar em consideração a influência que o jornal exerce dentro do contexto ao qual ele está inserido, partindo dos seus interesses e como é desenvolvida a atuação junto ao seu público leitor.

Conforme Capelato aponta:

A análise do jornal como fonte e objeto pressupõe uma avaliação crítica desse documento, o que implica sua desconstrução. Nesse processo, devem-se considerar as circunstâncias históricas em que a análise foi produzida, os interesses em jogo e os artifícios utilizados pelos seus produtores. (CAPELATO, 1988, p.115)

Para Rafael Saraiva Lapuente, mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ao se empregar o uso de jornais como fonte de pesquisa o historiador deve levar em consideração a influência que o jornal exerce dentro do contexto ao qual ele está inserido, partindo dos seus interesses e como é desenvolvida a atuação junto ao seu público leitor. Segundo Lapuente: “Como qualquer fonte histórica, os jornais devem ser utilizados criticamente pelo historiador, para não correr o risco

de se deixar levar pelo discurso da fonte e, conseqüentemente, realizar uma análise precipitada, acrítica e superficial” (LAPUNTE, 2015, p.15).

Partindo das análises construídas por meio das reportagens veiculadas na década de 80 nos jornais maranhenses sobre os garimpos, foi possível descobrir que simultaneamente muitos garimpeiros oriundos de Goiás e do Pará migravam para o Maranhão e possivelmente até mesmo alguns garimpeiros da região Médio Mearim.

É importante ressaltar que por meio desse trabalho de pesquisa nos jornais, foi possível identificar a existência de uma associação dos garimpeiros no Maranhão e a presença de um garimpo no estado do Maranhão.

Na década de oitenta enquanto os entrevistados se referem constantemente ao garimpo de Serra Pelada, encontram-se notícias no jornal *O Imparcial* de um garimpo situado em Carutapera, localizado no estado do Maranhão. Até o momento não sabemos precisar que impacto houve sobre os homens trabalhadores do Médio Mearim, essas descobertas serão averiguadas em outro momento de pesquisa.

É importante sinalizar que mesmo não havendo encontrando nenhuma reportagem relacionada a migração de homens residentes no Médio Mearim para os garimpos, tal ausência de veiculação sobre o tema, poderia auxiliar a compreensão que nesse período o garimpo e seus construtores, os garimpeiros, não gozavam de tanta importância para a sociedade midiática, levando em consideração que as entrevistas de História Oral mencionam especialmente o trabalho de garimpagem nas décadas seguintes.

Entrevistador - (...) O senhor foi no garimpo a primeira vez em 77 né, que o senhor falou?

Seu Curuá: 77!! Lá eu fui até a Venezuela, depois retornei pra cá, passei uns dois anos em casa ai depois eu voltei de novo pra lá onde fui trabaia, eu trabaiei na Maria bonita, no Cumarú. (CURUÁ,2017)

É no ano de 1983 que mais se encontra a presença dos personagens do garimpo nos periódicos maranhenses. É nesse momento referente aos anos de 1980 a 1990 que as discussões relacionadas aos garimpos ficariam mais acirradas, especialmente porque são nesses respectivos anos que Serra Pelada se tornaria o garimpo mais famoso e polêmico do Brasil.

As fontes de jornais que encontramos, cruzam variados caminhos pertencentes a construção imagética do garimpo. Comumente as notícias dão conta da existência de garimpos no interior do Maranhão e veiculam reportagens sobre a violência presenciada dentro dos garimpos, além de tecer considerações que ajudam a analisar a representação que os jornais constroem sobre o *locus* denominado garimpo.

4.1 Configurando os espaços do garimpo: entre baixões e currutelas

Prosseguindo as leituras relacionadas à migração dos personagens residentes no Maranhão, direcionamos nossas observações para as produções bibliográficas em torno da mineração do ouro. Foi de suma importância discutir e analisar algumas teses e dissertações construídas no âmbito de outros cursos, reforçando a influência da interdisciplinaridade e enriquecendo ainda mais o aporte teórico da pesquisa.

Neste momento encaminhamos nossos olhares para o trabalho de escrita, desenvolvido por Luiz Jardim. Tal contribuição foi resultado de uma tese de doutorado em geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 2015. A tese tem como título “Geografia do Ouro na Amazônia Brasileira: uma análise a partir da porção meridional”.

A tese tem como principal finalidade, compreender a geografia do ouro na Amazônia brasileira, construindo uma relação entre a atividade garimpeira e sua influência sobre as transformações no espaço geográfico da Amazônia. Além de pontuar aspectos ligados à produção industrial e à elevação econômica do ouro. Conforme Luiz Jardim indica:

Nossa pesquisa tem como objetivo central analisar a geografia do ouro na Amazônia brasileira, em sua expressão garimpeira e industrial, e a participação da mineração do ouro nas transformações do espaço regional amazônico, entre os anos 1970 e o início do século XXI. Por geografia do ouro ou da mineração de ouro se entende, principalmente, a análise do peso do setor mineral aurífero na reestruturação espacial local e regional na Amazônia (JARDIM, 2015, p.01).

Logo na introdução, percebemos que o recorte temporal e espacial da tese foi construído para que o leitor consiga compreender um pouco mais sobre o período em que muitos garimpeiros trabalhavam nas regiões do Carajás, Tapajós e Rio Madeira. Ajudando-nos a entender sobre o processo de valorização do ouro nessas áreas que concentravam o trabalho de garimpagem. E como esse processo de elevação monetário do valor do ouro acabou influenciado na substituição do trabalho manual para o trabalho mecanizado. Um procedimento que é considerado evolutivo, mas que drasticamente reconfigurou as atividades realizadas pelos garimpeiros e o papel da organização socioespacial das regiões com foco de garimpo.

A extração mineral do ouro e sua supervalorização passaram a ser vistas por muitos olhos gananciosos, como um meio significativo de negociação, favorecendo a expansão das fronteiras minerais e o aumento das economias emergentes. A partir da década de 1970, até o início da segunda década do século XXI o ouro acaba servindo de matéria prima e mercadoria para as grandes indústrias, e se torna o principal ingrediente para o mercado internacional. O

mundo nesse momento acaba vivenciando, consideráveis mudanças em relação à organização econômica, espacial e ambiental das diversas regiões localizadas no Brasil. De acordo com Luiz Jardim:

A valorização monetária do ouro possui causa anterior no aumento da produção e consumo da indústria joalheira, em especial nos países emergentes como Índia e China (no caso específico da Índia, tal consumo sempre foi significativo). É claro que o crescimento da demanda do setor financeiro e joalheiro refletiu positivamente sobre a cotação, entretanto, não se pode desconsiderar a contribuição das ações especulativas em potencializar a tendência de valorização. A alta nos preços representou a realização de altos lucros, principalmente, para agentes do mercado financeiro internacional, assim como, uma oportunidade para os mineradores de pequeno, médio e grande porte em diversas regiões do mundo. Com a valorização de longo prazo do ouro no mercado internacional, infere-se, partindo do raciocínio causal, que haveria reflexos sobre a atividade mineral em seus meios de extração legais e ilegais, associada ou não a ampliação espacial de áreas de extração e pesquisas em regiões de fronteira mineral, ou ainda na retomada de velhas regiões e localidades produtoras (JARDIM, 2015, p.06).

Por meio da tese de Luiz Jardim foi possível entrar em contato com concepções que giram em torno das frentes garimpeiras e fronteira mineral do ouro, possibilitando um mapeamento sobre o processo de ocupação, apropriação e expansão das fronteiras dos garimpos e os conflitos internos gerados a partir do encontro entre garimpeiros e grandes empresas. Esses conflitos acabam balizando as relações sociais dentro dos garimpos nas décadas de 1980 a 1990. Conforme o autor menciona:

No contexto da mineração, as frentes garimpeiras da década de 1980 estariam relacionadas à frente de expansão. Tratava-se de uma corrida, ou seja, um intenso fluxo migratório direcionado aos garimpos manuais, informais e ilegais. Por outro lado, as frentes pioneiras seriam a chegada das empresas mineradoras, dos grandes mineradores informais/ilegais mecanizados ou, em último caso, da formalização dos garimpos na forma de pequenas empresas ou cooperativas regularizadas. Quando as duas frentes se encontram, o confronto entre as duas lógicas de ocupação e apropriação de recursos gera conflitos. As disputas podem ocorrer entre garimpeiros e empresas mineradoras; garimpeiros manuais e mecanizados; garimpeiros informais e donos de concessões minerais; ou entre garimpeiros e outros agentes públicos ou privados que se apropriam do espaço das minas regulando as práticas espaciais ou impondo outros usos (JARDIM, 2015, p.60).

Partindo das relações conflituosas entre as empresas mineradoras, os garimpeiros e o poder estratégico e econômico dentro dos garimpos e associando COM o trabalho de mapear o que estava sendo veiculado nos jornais do Maranhão, nos deparamos com notícias que transitavam desde tensões conflituosas até mesmo notícias que davam conta das intrincadas relações de controle do governo e das empresas para com o garimpo. Encontramos uma matéria do dia 04 de setembro de 1983 que em suas linhas sinalizava para a ação de um protesto contra

o fechamento do garimpo de Serra Pelada. Segue abaixo trecho retirado da notícia que buscava denunciar o intuito de desmonte e fechamento do garimpo de Serra Pelada:

Falando em nome da liderança do PMDB, na Câmara Federal, o deputado Cid Carvalho, voltou a protestar contra o fechamento do Garimpo da Serra Pelada, marcado para novembro pelo ministério das Minas e Energias. Orador disse que o fechamento daquele mercado de trabalho acarretará um agravamento maior da crise e a calamidade porque passa no momento as classes trabalhistas. Demonstrou ele que por traz da avidez do Governo fechar Serra Pelada se esconde o verdadeiro intuito de desalojar os garimpeiros do seu trabalho mineral para integrar esse setor produtivo, vital a economia brasileira, “nas mãos das grandes empresas multinacionais”. Para Cid Carvalho, o Maranhão será o Estado mais afetado pelo fechamento em razão de 80 por cento dos trabalhadores que ali vivem serem maranhenses e exigiu uma posição do governador Luiz Rocha e das bancadas do PDS no Congresso Nacional contra a anunciada decisão (O Imparcial, 04 de setembro 1983).

Referenciando um pouco sobre a matéria, podemos perceber que alguns deputados se colocam contra a decisão expedida pelo Ministério de Minas Energias, do fechamento do garimpo para os garimpeiros, os deputados Cid Carvalho líder do PMDB na Câmara Federal e Siqueira Campos do PDS de Goiás argumentam que o fechamento do garimpo de Serra Pelada, além de ser um ato desumano agravaria ainda mais a crise em que se encontrava o país, tal atitude afetaria diretamente os trabalhadores que viviam exclusivamente do garimpo de Serra Pelada.

Para Cid Carvalho a verdadeira intenção do governo ao fechar Serra Pelada era de desalojar os trabalhadores da garimpagem e entregar o setor que produzia em grande escala para as empresas multinacionais. Com a transição do garimpo para as mãos dessas grandes empresas o estado que mais sofreria seria o Maranhão, pois “cerca de oitenta por cento dos trabalhadores que viviam em Serra Pelada eram oriundos do Maranhão” (O Imparcial. São Luís, 04 de set. 1983).

Encontramos uma matéria que reforça o protesto de Cid Carvalho, nessa matéria datada do dia 17 de setembro de 1983, especificamente na edição do dia de domingo o jornal “O Imparcial” publica uma reportagem intitulada, “*Deputado pede ao presidente para não afastar garimpeiros*”.

Proibir a garimpagem em Serra Pelada é ato de insanidade, porque dela resultará graves problemas sociais e econômicos para o norte de Goiás, sul do Pará e Maranhão, áreas diretamente ligadas aquele garimpo. A advertência foi feita ontem no Plenário da Câmara, pelo deputado Siqueira Campos, do PDS de Goiás. Para o deputado, o anunciado fechamento do garimpo aos garimpeiros é um ato profundamente injusto, desumano e prejudicial ao país. Siqueira Campos sugeriu a criação de uma cooperativa de garimpeiros para a exploração de ouro. “A Docegego é Empresa Pública, pelo que não pode apropriar-se de uma imensa riqueza descoberta pelos garimpeiros, que tem muito mais direito a posse e usufruir do que as empresas que os diretores daquela estatal desejam proteger” (O Imparcial, 17 de setembro 1983).

A matéria tem como principal personagem o deputado Siqueira Campos onde ao publicar uma nota o mesmo sugere ao governo que crie uma cooperativa de garimpeiros para a extração de ouro. Siqueira Campos se respaldava nos argumentos de que a empresa Docegeo, empresa que passa a gerenciar o garimpo de Serra Pelada, era uma empresa pública e que por isso não poderia se apossar de algo que não era seu por direito.

O jornal elenca no decorrer da matéria que Siqueira Campos contribui com argumentos que legitimam Serra Pelada como pertencente aos garimpeiros, e que por sua vez os próprios garimpeiros poderiam usufruir de toda a área da Serra Pelada, mesmo as áreas protegidas pela empresa Docegeo.

Nas respectivas matérias podemos perceber o quanto nos anos 80 o garimpo se torna um lugar visado por muitos. O verdadeiro interesse das empresas e o jogo intrincado de controle que o governo exerce compactuam nas constantes decisões econômicas que pairam sobre o garimpo.

A figura do garimpo e a situação em que os garimpeiros de Serra Pelada se encontram são debatidas constantemente dentro das Câmaras Federais e Estaduais, buscando definir o futuro do garimpo de Serra Pelada e a discutir sobre a construção social dos migrantes que comumente são associados a imagem de invasores.

Denúncias relacionadas a acontecimentos propositalmente gerados dentro do garimpo de Serra Pelada e a restrições relacionadas ao trabalho dos garimpeiros são veiculadas constantemente pelo jornal. A denúncia foi veiculada pelo jornal *O Imparcial* no dia 10 de setembro de 1983, em um sábado, a matéria trazia como título, “*Perícia constatada que desabamento de Serra Pelada foi proposital*”. Segue trecho abaixo:

Brasília (ANDA) “uma perícia bem feita no local do acidente, onde morreram os 19 garimpeiros, vai constatar que o desabamento foi proposital”. A afirmação é do garimpeiro de Serra Pelada, Francisco Oliveira, conhecido em Marabá, sua cidade natal “Chico das cobras” chegou ontem a Brasília onde fez uma série de denúncias em relação ao ouro extraído na região. Uma das denúncias de Francisco, que é quanto ao desabamento de um barranco em Serra Pelada, que resultou na morte de 19 garimpeiros, ocorrida no último mês de junho, foi a constatação, por parte da maioria dos trabalhadores da região, que o DNPM (Departamento Nacional da Produção Mineral), é o único culpado, “porque a empresa isolou uma passagem que dava acesso a um determinado local de garimpo, deixando apenas um lugar que era justamente o perigoso.” O local do desabamento, segundo Francisco. “tem muita areia, é um lugar frágil, e como movimento de pessoas era intenso, e só havia aquele local, não deu outra coisa” (O Imparcial, 10 de setembro 1983).

Um possível desabamento ocorrido em Serra Pelada ocasionou a morte de 19 garimpeiros. Segundo informações colhidas pelo jornal o desabamento teria sido provocado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral, principal responsável pelo garimpo de Serra Pelada na época. Segundo afirmação de alguns garimpeiros de Serra Pelada, o desabamento foi causado com o objetivo de amedrontar os trabalhadores que permaneciam na região da Serra. Chico das Cobras é um dos garimpeiros que vai até Brasília determinado a discutir sobre essa e outras pressões sociais que os garimpeiros estavam sofrendo em Serra Pelada.

Por meio de um manifesto aberto Francisco Oliveira (Chico das Cobras) representava os garimpeiros de Serra Pelada, levando sugestões ao então presidente Figueiredo. Chico das Cobras reforçava a ideia de luta contra o fechamento do garimpo de Serra Pelada e apresentava provas legítimas, dando direito a permanência dos trabalhadores no garimpo.

Muitos garimpeiros se negam a deixar o garimpo de Serra Pelada. Mesmo possuindo documentações legais que assegurassem a permanência, ainda assim esses trabalhadores corriam o risco de serem expulsos de suas atividades de garimpagem. Um conflito eminente estaria por vir, pois muitos garimpeiros só sairiam de Serra Pelada a força e alguns ameaçavam se suicidar do que ter que deixar o garimpo.

Com o acúmulo de pessoas, a permanência de muitos homens armados e o inconformismo de alguns garimpeiros em relação à extração do ouro por meio de empresas, o garimpo passa a ser representado como um lugar perigoso, um ambiente violento e insalubre, onde a qualquer momento pode estourar um conflito entre garimpeiros.

Várias denúncias são veiculadas nos jornais da época sobre o que estava acontecendo em Serra Pelada. Grande parte dessas denúncias eram atribuídas as consequências geradas pelo fechamento do garimpo de Serra Pelada e posteriormente sua futura mecanização do trabalho.

Constantemente a empresa Docegeo é associada aos vários acontecimentos que se desenrolavam no garimpo de Serra Pelada. Sem qualquer providencia por parte da coordenação, o garimpo vai sendo minado por um contexto de desordem e caos. Essas ações afetam economicamente e fisicamente os garimpeiros que por meio do trabalho nas terras auríferas buscavam melhoria de vida para si, e muitas vezes, para suas famílias.

4.2. Experiências e representações de garimpeiros maranhenses nos espaços das *currutelas*.

Buscamos compreender a migração de muitas pessoas para as regiões com foco de garimpo e, posteriormente, a reconfiguração regional a partir desse fluxo, exercendo funções de grande destaque na historiografia. Como por exemplo, a criação de cidades, *currutelas*, sistema hidrográficos, rodovias entre outros. Tais funções abriram caminhos para a criação de espaços dinâmicos, inteiramente ligados ao capital, circulação de informações e mercadorias.

Segundo Luiz Jardim:

A reestruturação regional formou pequenas e médias cidades; construiu infraestruturas de transporte, comunicação e energia, que permitiram a articulação interna e com o exterior da região; estabeleceu uma economia local, rural e urbana, mais diversificada; e instaurou arcabouços e agentes estatais de gestão do território com novos ordenamentos, regras, normas, controles, territórios e propriedades. A mineração de ouro constituiu espaços fortemente dinamizados pela atividade mineral. Isso é, área contínua ordenada por redes de circulação hidrográficas, rodoviárias e aéreas, que conectam pontos nodais – cidades, *currutelas*, e minas –, e movimentam indivíduos, capital, mercadorias, informação e, obviamente, ouro (JARDIM, 2015, p.60).

Dando prosseguimento à problematização da afluência significativa de homens residentes no município de Bacabal para os garimpos, buscamos analisar as representações negativas e positivas criadas em torno das *currutelas*, cidadelas estruturadas nas redondezas dos garimpos.

Utilizamos como referência neste momento a tese da autora Letícia da Luz Tedesco, intitulada “No trecho dos garimpos: mobilidade, gênero e modos de viver na garimpagem de ouro Amazônica”. No desenrolar de sua tese, a autora trabalha vários questionamentos que norteiam seu olhar sobre o mundo do garimpo. Desde a presença das mulheres nessas localidades constantemente veiculadas como um lugar de trabalho braçal e masculino, até a configuração dos espaços que compõem e estruturam o garimpo.

Para a autora o garimpo acaba se configurando em vários espaços. O garimpo é um local que passa a ser compreendido não só como um meio de ascensão econômica, mas também, como lugar de se passar e de se viver. O trabalho do garimpo no decorrer das extrações auríferas, acaba forjando inúmeros modos de vida, consideráveis relações sociais e uma cultura de pequena mineração com meios característicos e próprios.

Letícia Tedesco nos auxilia também em compreender sobre as fronteiras existentes no garimpo. Ela pontua a intrínseca relação existente entre as fronteiras geográficas e

econômicas com as fronteiras simbólicas. Reforçando também sobre a necessidade que a noção de fronteira tem ao se trabalhar com a cultura de garimpagem. Segundo Tedesco:

A noção de fronteira é chave para pensar essa cultura. Assim postulamos que o garimpo pode ser visto como uma cultura de fronteira e na fronteira, tendo em vista pelo menos duas noções de fronteira intrinsecamente relacionadas: 1) a fronteira geográfica e econômica do avanço territorial de estruturas econômicas e políticas ligadas aos ciclos econômicos. 2) fronteira simbólica: lícito e ilícito na fronteira entre o legal e o ilegal perante o que é assim definido pelo Estado. Essas noções são inseparáveis na análise da cultura garimpeira (TEDESCO, 2015, p.129).

Em sua tese, especificamente no capítulo II a autora reforça algumas ideias já trabalhadas por outros pesquisadores e nos ajuda a entender sobre a cultura de garimpagem ou de pequena mineração. Essas atividades de garimpagem acabam se tornando importante no entendimento de alguns questionamentos construídos em torno da estrutura social e regional dos espaços que constituem o garimpo.

A autora destaca a relação de respeito mútuo e do poder da palavra existente nos garimpos e desconstrói a ideia que foi há muito tempo engessada na sociedade do garimpo como uma “terra sem lei”. O garimpo se torna um local comandado por sua própria lei. Muitos homens e mulheres são submetidos às engrenagens da lei do garimpo, uma lei que está habilmente longínqua da lei formal e possui característica específicas do modo de vida da garimpagem. Segundo Tedesco:

Desta maneira, os garimpeiros teriam desenvolvido ao longo do tempo um sistema de regras próprio dirigido a situações comuns no estabelecimento e manutenção de um garimpo, essas regras, informais e costumeiras baseiam-se em um sistema de honra em que a palavra dada é central para o estabelecimento de acordos. A quebra desses acordos através da falta com a palavra dada gera sanções que vão desde o isolamento social (e comercial) até a morte. Tal conjunto de regras, conhecido vagamente como a “lei do garimpo” diferencia-se e muitas vezes contrapõe-se a lei formal: “É público e notório que a sociedade do garimpo não segue as leis convencionais seja as das cidades ou do campo; tem a sua própria lei que a despeito de suas qualidades e problemas está regendo a vida de centenas de milhares de homens e de mulheres da Amazônia” (JORNAL DO OURO, 1983, p. 4). As engrenagens da “lei do garimpo” A alusão a uma “lei do garimpo” talvez seja uma resposta às representações comuns sobre o garimpo no qual este seria uma “terra sem lei”. Se considera a lei formal, certamente o garimpo, especialmente o garimpo manual (que é geralmente uma primeira fase de qualquer garimpo que se mantenha no tempo) ou o garimpo semi-mecanizado de pequeno e médio porte, está em muitos aspectos distante da lei formal (TEDESCO, 2015, p.135).

Diante deste conjunto de regras que movem e estruturam as zonas de mineração, partimos agora para o entendimento dos espaços que configuram as áreas geográficas existente

nos garimpos. Além de mapear a função que cada pessoa possui dentro das zonas de garimpagem. O garimpo frequentemente é constituído por uma *currutela* e diversos baixões.

As *currutelas* eram cidadelas que servia como local de referência para os garimpeiros antes de serem encaminhados para os baixões. Elas serviam também como ponto de apoio para as necessidades carnis dos garimpeiros e fonte de mão de obra pro próprio garimpo. Vital Neto, doutor em História pela Universidade Estadual Paulista, e Júlio Santos, doutor em História pela Universidade Federal do Mato Grosso, explanam bem a função que uma *currutela* possuía em relação ao garimpo. Segundo os autores:

O termo *currutela* é usado para designar um lugar de fixação, um ponto de referência, no qual se constroem moradias, no caso dos garimpeiros, provisórias, feitas com madeira bruta, palha e lona (material plástico de cor preta). Em meio a essas habitações, surgem pequenos comércios de viveres, combustível, bebida e prostíbulos. Sua existência é efêmera e sua população depende da “força” do garimpo (SANTOS e NETO, 2012, p. 119).

As *currutelas* eram locais onde se podia beber, frequentar prostíbulos e passar o tempo. Era um local reservado ao lazer do garimpeiro. Tornava-se um local de comunicação, em que muitos garimpeiros recebiam notícias de outros lugares, de outras *currutelas* ou das cidades adjacentes. Na maioria das vezes constituíam comunidades organizadas, fundavam novos povoados que, posteriormente se estruturavam e davam contornos para o surgimento de novas cidades.

No livro da autora Regina Beatriz Guimarães Neto, intitulado “*Cidades da Mineração: memórias e práticas culturais*” (2006) há uma análise bem aprofundada sobre a função exercida por essas cidades dentro das áreas com foco de garimpo. Por meio dessa obra podemos perceber o quão importante acaba sendo problematizar acerca desses centros que atuam na organização social, na vida cultural e nos aspectos econômicos das zonas de garimpagem.

Trata-se de pensar sobre a complexidade desses novos lugares. Pensados inicialmente como espaços de cultura e lazer e posteriormente com o intenso fluxo dos “demoradores” se ressignificando e se tornando um ponto de cruzamento de todos os sujeitos que buscam os garimpos e que neles vivem. Conforme Guimarães aponta:

A complexidade do novo espaço, simultaneamente, aglutinador de forças socioeconômicas e culturais, mas, também, lugar da mobilidade e da transitoriedade, faz dele um importante centro de comunicação e informação para toda a zona mineradora. Assim, destacam-se seus postos de correios e os acessos as melhores estradas – a cidade assinalada como ponto no entrecruzamento de diversas trajetórias. Vale ressaltar este aspecto: a cidade como lugar privilegiado da trajetória de homens e mulheres que vivem dos garimpos, seja como centro de abastecimento, seja, ainda,

como centro médico e policial. O que importa é que tudo passa pela cidade: os principais caminhos cruzam-se com ela – ou nela chega ou dela se parte (GUIMARÃES, 2006, p.147).

Dando continuidade às análises em torno desses centros, para a antropóloga Leticia Tedesco as *currutelas* desenvolviam um papel essencial no equilíbrio do trabalho dentro do garimpo. Era um local associado à bebida alcoólica, prostituição e aos jogos, justamente porque eram esses aspectos que faziam parte das atividades de lazer dos garimpeiros. Conforme a autora:

É na currutela que as pessoas interagem com outras além dos integrantes de sua equipe de trabalho, onde têm notícias de outros baixões, da própria currutela, de outras currutelas ou das cidades próximas. A currutela é o espaço da compra e da venda, aonde chegam e saem pessoas, produtos e informações. É contígua a pista de pouso e permeada por estabelecimentos comerciais como a cantina. Distanciada, mas intrinsecamente ligada ao processo produtivo imediato dos baixões é o espaço do comércio, dos negócios e do lazer. Exatamente por isso este espaço está tão associado à bebida alcoólica, aos jogos e à prostituição, elementos tidos como essenciais no lazer dos garimpeiros (TEDESCO, 2015, p.140).

Vale ressaltar que independentemente das brincadeiras presenciadas nos espaços das *currutelas*, existia uma relação de respeito entre os peões e uma similitude regrada pela confiança, honestidade e disciplina entre os garimpeiros e os patrões. Assim como o trabalhador o patrão também cumpria com algumas responsabilidades em relação a seu quadro de trabalhadores. Por meio de alguns elementos apontados por Tedesco conseguimos pensar sobre essa questão:

A relação de respeito entre o garimpeiro “entusiasmado” e seu patrão é facilmente traduzível, entre outros sentidos possíveis, por honestidade e confiança. Ainda sobre o “entusiasmo” dos peões no cabaré, chama à atenção a responsabilidade do patrão (dono de par de máquinas ou dono do serviço) em relação a sua equipe de trabalho, que além de cotidianamente ser responsável pela alimentação de todos no baixão, e das condições de trabalho providenciando instrumentos e utensílios o mais adequados possível. Até porque isso também é do seu interesse já que são investimentos que se espera, poderão ser revestidos em mais e melhor produção de ouro (TEDESCO, 2015, p.140).

Reforçando essa relação entre o dono da produção e os trabalhadores das minas, a autora sinaliza para o comportamento dos garimpeiros e os locais de comércio, cabarés e prostíbulos na região das currutela. Elencando a relação de respeito regular existente entre o dono do estabelecimento e o garimpeiro. A autora aponta para as formas interessantes de evitar os conflitos ou de resolvê-los da melhor forma possível. Segundo Tedesco enfatiza:

O patrão também pode ser responsabilizado pelos danos materiais causados por qualquer membro de sua equipe. Cobrando depois do peão, ou seja, descontando da porcentagem de ouro que este deve receber pelo serviço, fica claro que, em última análise é o próprio peão que vai pagar pelos estragos feitos por ele mesmo. Mas o que chama a atenção é que a segurança do dono do cabaré de ser ressarcido pelo dono do serviço pressupõe uma relação de respeito entre esses homens. Uma maneira curiosa não de resolver os conflitos, mas antes, de evitá-los (TEDESCO, 2015, p.141).

Além da *currutela*, os garimpos normalmente são formados por vários *baixões*. O *baixão* é o espaço destinado à produção dos garimpeiros. Constantemente um garimpo é composto por uma *currutela* e diversos *baixões*. Ambos exercem uma relação de trabalho e diversão dentro dos vários garimpos existentes. A diferenciação do *baixão* tido como zona de produção para a *currutela* tida como espaço de lazer, está pautada na função que cada espaço desenvolve na representação do garimpo. A autora Leticia Tedesco expressa muito bem as principais características dos *baixões*:

Um *baixão* é a unidade produtiva básica, formada por um dono de par de máquinas que é geralmente o responsável pelo serviço naquele espaço (dono de serviço), 5 ou 6 trabalhadores, também chamados de peões e uma cozinheira. No espaço do *baixão* há um barraco grande utilizado para as refeições, para guardar os instrumentos de trabalho e para o descanso dos trabalhadores e um barraco menor, normalmente acoplado àquele, chamado “fusão da cozinheira” ou “fusão preto”. Este espaço é de uso exclusivo da cozinheira, mas também pode ser destinado a encontros íntimos, mas falaremos mais disso num momento posterior. Assim, cada *baixão* conta com uma equipe de trabalho que passa a maior parte do tempo ali, trabalhando, indo para a *currutela* esporadicamente em busca de atividades, serviços ou produtos ligados à manutenção do trabalho nos *baixões*. (TEDESCO, 2015, p.140).

O trecho evidenciado anteriormente retrata um pouco da realidade existente nos garimpos. Os *baixões* seriam o local de trabalho dos garimpeiros, neles estão concentradas as práticas do *bamburro*, reforçando a presença dos donos do serviço, do uso da terra e do trabalho braçal dos garimpeiros. Algumas restrições fazem parte da vivência nesse espaço. O uso de bebidas alcoólicas e a presença de mulheres não eram permitidos nos *baixões*.

Nos relatos de memória dos garimpeiros entrevistados na cidade de Bacabal-MA, foi possível mapear um pouco sobre o mundo das *currutelas* e suas atividades nas adjacências do garimpo. Seu Raimundo Queiroz relata que só passou a observar a presença de mulheres, bebida e violência, com o surgimento das *currutelas*. Essas festas, realizadas pelos garimpeiros, só surgiram a partir do momento em que as mulheres passaram a existir no garimpo. Ao analisar o relato desse garimpeiro foi possível perceber que esses centros se encontravam em uma área afastada dos *baixões* (barrancos), e não possuía uma estrutura bem definida. Segundo seu Raimundo Queiroz:

Nessa época não tinha não. Depois que entrou mulher, aí que se soltou tudo. As mulheres ficavam pros rumos da entrada logo! (sinalizando com o braço distância). A mulherzada, cabarezada e os bar. Sobe ligeiro demais, é ligeiro sabe. é da noite para o dia. Se tiver correndo dinheiro você se desimbesta pra lá. E lá no São Francisco era tudo de tábua, cada um barracão ia um avião chapado de tábua pra lá. Aí ia os outros fazendo as coisas. Rapaz era gente demais, de noite você só escutava uma “salva lá” pra todo lado (Queiroz,2018).

Por meio dos relatos de memória do seu Curuá foi possível identificar um pouco sobre a influência, que as *currutelas* exercem nas decisões do não retorno dos garimpeiros pra seus lares. Ele rotula a *currutela* como um local de diversão e ao mesmo tempo faz menção a *currutela* como algo prejudicial para a ascensão do garimpeiro. Um aspecto que se torna pertinente no decorrer do processo de garimpagem. A *currutela* acaba se tornando um lugar divertido, mas, muito caro para os indivíduos pobres que buscam o enriquecimento. Conforme seu Curuá menciona:

Em termos de diversão tem muito viu, tem tanta diversão no garimpo que eu tenho um primo meu que passou quatorze anos lá, teve uma época que ele tava com quase seiscentas gramas de ouro num vidro de quinhentas e voltou pra casa com cinco gramas de ouro, eles botavam tudo na beira. A senhora sabe o que é botar na beira? (CURUÁ, 2018)

A expressão “Botar na beira”, muito utilizada por seu Curuá, faz menção aos indivíduos que direcionavam todo o seu dinheiro em bebidas, mulheres e festas constantemente realizadas no âmbito das *currutelas*. Os garimpeiros constantemente relatavam situações em que amigos, parentes próximos ou estranhos acabavam seguindo por esses caminhos, passando o resto da sua vida presos ao garimpo. Segundo seu Curuá:

Lá no, no... Tem o garimpo né, aí tem a sede, tem a sede, é lá onde fica a área da *currutela*, que chamam de *currutela*, lá é onde tem o ambiente que tem as mulher. Tem comercio, tem tudo né! Ai aqueles pião que é meio abestado trabalhava a semana todinha e quando dava no sábado, eles diziam que iam botar na beira, ai levava o dinheiro e iam lá pra *Currutela* e ficavam com aquelas muie e ai quando dava na segunda feira eles voltavam sem um fagulho de ouro, dizendo que tinham colocado o ouro todo na beira e ai deixavam lá. Mas a vida de um garimpeiro é uma vida muito sofrida viu (CURUÁ, 2018).

Além da presença de mulheres, jogos e bebidas as *currutelas* também acabaram se tornando referência nos aspectos relacionados ao medo e a violência. Durante o dia os centros eram mais calmos, pois eram habitados somente por mulheres e homens que estavam em busca de trabalho e lugar para se fixar. Já as noites eram reservadas ao excessivo consumo de bebida alcoólica, a violência em sua forma primitiva (física), a presença de arma de fogo e os conflitos entre indivíduos do mesmo barranco ou de espaço de trabalho diferente.

As *currutelas* também se tornaram palcos de acerto de contas. Julio Santos nos auxilia pontuando dois fatores importantes que configuram o espaço da *currutela* como uma área ligada a violência e ao medo:

No que se refere à violência em sua forma mais evidente, na física de “um contra o outro”, os relatos indicam ações quase cotidianas de conflitos, mortes e agressões por armas de fogo e armas brancas. Três fatores são apontados, de forma unânime, como amplificadores da violência. O primeiro era o constante consumo de bebida alcoólica pelos garimpeiros, durante o trabalho, para suportar as péssimas condições, que os obrigavam a permanecer dentro d’água, desde a madrugada até o entardecer, e nos bares e zonas da *currutela*, durante a noite. A permanência nesses espaços, durante o dia, ficava restrita aos homens que estavam sem lugar para trabalhar, o que podia ocorrer com alcoólatras, convalescentes da malária ou outro mal e recém-chegados, que procuravam esses locais para fazer contatos. O segundo fator apontado era a prostituição. O garimpo era um ambiente predominantemente masculino, e a forma de suprir a escassez da figura feminina era a existência das casas de prostituição. Muitas vezes, o garimpeiro, tal como o peão rodado, que vinha sozinho de outras regiões (era comum que tivessem mulher e filhos em outro lugar), acabava se envolvendo com uma dessas profissionais do sexo (SANTOS, 2012, p. 224).

O dinamismo entre as relações de trabalho e lazer existentes no garimpo nos auxilia a entender como se dá o processo de configuração das zonas mineradoras e do lazer. Por meio das diversas obras e dos variados autores trabalhados, foi possível compreender que o espaço chamado de garimpo se estrutura a partir das diversas áreas cuja, funções determinam as relações e o comportamento entre as pessoas dentro da garimpagem. O garimpo possui lei, diversão e por menor que seja também possui humanidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O andamento desse trabalho caracteriza a indispensável necessidade que se tem em torno do processo de construção e mapeamento de bibliografias acerca da migração de personagens da região do Médio Mearim – (MA), que rumavam em direção aos garimpos brasileiros nas décadas de 1980 a 1990.

Assim, ressalta-se a importância do estudo do tema em vista da insuficiência de estudos, especialmente na historiografia maranhense, visando traçar o perfil dos garimpeiros, além das relações de trabalho no garimpo. Para isso é preciso buscar conhecimentos sobre todo o contexto que envolve o garimpo, os garimpeiros, os donos do garimpo e as famílias dos garimpeiros. Ressalta-se ainda a importância desses sujeitos no desenvolvimento das atividades de trabalho dentro dos garimpos, uma vez que são eles os responsáveis pela extração de minérios/ouro.

Caracterizando como campo especial e simbólico dos esforços relacionados ao imaginário social, o trabalho monográfico, propôs um desdobramento sobre a investigação acerca da realidade social dos garimpeiros, problematizando os métodos instituídos pelo próprio imaginário, e considerando que o mesmo possui relação sublime com a história.

Sendo importante elencar o funcionamento dos sentidos que manipulam a imaginação que se tem sobre os garimpos, partindo do real e recriando o imaginário que de certa forma influenciou os agentes históricos. E que ao mesmo tempo traz um refinamento às análises das fontes, podendo assim reconstruir o passado e conjugar a designação de suas expressões por meio de uma reflexão teórica.

Por meio deste trabalho pretendemos dar voz a esses migrantes que por muito tempo foram esquecidos ou assimilados a aspectos limitados e a relações capitalistas, sendo valorizados apenas como mão de obra, deixados no esquecimento e por vários motivos vistos com ar de desconfiança pela sociedade, que construía uma representação negativa do garimpo e dos garimpeiros, segundo Regina Beatriz Guimarães afirma:

Os garimpeiros eram andarilhos, se não dava diamante no garimpo, eles partiram para outro, por isso o povo tinha muito medo deles. Não importavam com nada, andavam com suas malinhas nas costas, comiam onde encontravam quem desse, mas quando pegavam diamantes mais valiosos, iam vender nas cidades maiores, onde estavam os capangueiros com posses de comprar com melhores preços. Mas eram muito explorados os coitados dos garimpeiros. Entre eles existiam muitas brigas e mortes, mais por causa das mulheres, isso aconteceu nos fins de semanas, quando eles iam para as costelas se divertirem. (GUIMARÃES, 2006, p.84)

Especificamente, por conta do seu histórico de mobilidade, esses homens não eram vistos como pessoas confiáveis para algumas pessoas da sociedade, pois viviam em processo de deslocamento constante o que possibilitava a construção de uma ideia-imagem de sujeitos sem enraizamento, configurando-os como desqualificados, por fugirem do padrão de vida social, sólido e estável produzido pela sociedade ocidental europeizada.

O recorte temporal proposto reconstitui e evidencia particularmente uma política de memória que se torna cada vez mais inexistente na região do Médio Mearim, e cada vez mais vai dando lugar a amnésia que se instala a partir do momento em que a memória acaba.

O garimpo é representado como um lugar de oportunidades, lugar de se fazer dinheiro. A garimpagem por muito tempo foi tida como uma atividade que atraía muitos homens que estavam em busca de melhores condições de vida. Um trabalho que se tornava perigoso a cada momento, e de realização manual, mas que informalmente oferecia a população desempregada, uma solução para seus problemas.

O garimpo despertou por meio da atividade de mineração, um intenso fluxo migratório, muitos homens buscaram na produção mineral, principalmente no ouro, a mudança necessária de sua realidade social e econômica.

Nas quatorze entrevistas realizadas no período da pesquisa foi possível compreender os motivos da saída em busca do garimpo: uns iam para ajudar a família, outros para terem mais condições e outros como forma de aventurar-se.

Os motivos de expulsão são recorrentemente relacionados as dificuldades enfrentadas em seu local de moradia, sempre estavam tentando conseguir algo de melhor para o futuro, por isso depositavam no garimpo a esperança da solução para seus problemas. *“Ha! Falavam que lá tava dando ouro, que chegava aqui rico, que era isso que era aquilo e ai quando chegava lá, cadê? Não tava dando era nada.”* (QUEIROZ, 2017)

Na maioria das vezes o sonho acabava se tornando um pesadelo, pois toda a representação que havia se criado em torno do garimpo, acabava se diluindo em frustrações e muitos migrantes acabavam retornando para suas cidades.

Tem sim! Tem muita gente invocada com esse negócio ai! Loucura! Eu mesmo não vou mais pra canto nenhum. Não tem condição não. Até onde eu andei não vi nada de vantagem. Pegar uma malária braba lá, se você não tinha um pedacinho de dinheiro pra vim embora. Ficava lá! Eu vi muita gente, a cabeça ficava igual o ombro da gente sem ter um fiapo de cabelo. Era um batalhão de homem com a cabeça só a sola. Ai eu perguntava pro povo que diacho é isso aí? Ai eles diziam que era a febre que adoecia a pessoa e fazia o cabelo cair tudo. Se eu chegar a dizer que vou, to acabado! (risos) Eu me lembro de tá aqui de um jeito e chegar pra me ver nessa situação. Diacho é isso! É triste! (QUEIROZ, 2017)

O garimpo não seria um local de fixação, mas apenas de passagem, pois o que estava nas expectativas dos próprios garimpeiros, era se naquele barranco as condições de encontrar o ouro eram favoráveis ou não, o garimpeiro acaba percorrendo vários garimpos no decorrer de sua vida, e sempre no contínuo movimento do retorno para sua família.

Por meio das *entre/vistas* temáticas presenciamos diversos momentos de compartilhamento das experiências, e produzimos possibilidades de escuta com outros possíveis futuros narradores, memórias que proporcionam um entrelaçado encontro entre pesquisador e narrador, envoltos por perguntas e falas abertas. O processo de narração se torna de suma importância, pois a partir dessa prática social e acadêmica, muitas histórias desses migrantes são escritas ou reescritas, constituindo uma luta contra o apagamento da memória do Médio Mearim.

A necessidade de reescrever ou escrever sobre esses garimpeiros perpassa pelo aprofundamento dos conceitos e enquadramentos sociais da memória. Pois ela passa a ser uma construção do presente a partir das experiências vivenciadas no passado, uma interpretação que reconstrói e muitas vezes reforça o presente.

Em constante esforço, ao mapear sobre as condições da vida dos garimpeiros e suas funções dentro dos garimpos, visamos aprofundar por meio das discussões teóricas e metodológicas a interpretação dos vários elementos presentes nas entrevistas de homens do Médio Mearim que migraram para garimpos. Compreendendo e aprofundando aspectos das experiências de homens que apostaram no garimpo trabalharam para “*bamburra*” e desistiram do garimpo.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Fontes orais. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla BASSANEZÍ. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Editorial Contexto, 2005. p.155-202.

BARBOSA, Lívia. **Representações nacionais e identidades garimpeira**; carência material e pobreza simbólica. Relatório final da pesquisa do projeto paconamé. Rio de Janeiro: Cetem, 1991.

_____. Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas. In: **Estudos Históricos**, Rio Janeiro, vol. 4. 8, 1991, p. 229-243.

BARBOSA, Viviane Oliveira. **Ocupação de terras maranhenses, grandes projetos e planos de governo**. In: FERREIRA, Márcia Milena Galdez, FERRERAS, Norberto O e ROCHA, Cristina Costa da (org.). **Histórias Sociais do Trabalho**: usos da terra, controle e resistência. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (orgs.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. Pp 183-191.

BRASIL. **Código de mineração e legislação correlata**. Brasília: Senado Federal: Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

CASTRO, Hebe. **História Social**. In: CARDOSO, Ciro FLAMARION e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Revista Estudos Avançados**. Rio de Janeiro: CPDO/FGV, 1991, v.5, n. 11, p.173-191.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

DRUMMOND, Carlos Eduardo. **Garimpo de Serra Pelada**. Disponível em: <https://www.cedrummond.blogspot.com.br>. Acesso realizado em: 04 de jan. de 2018, às 21:20h.

FERREIRA, Márcia Milena Galdez. **Configurando o espaço social no vale do Mearim: terra, trabalho e migração**. In: FERREIRA, Márcia Milena Galdez, FERRERAS, Norberto O e ROCHA, Cristina Costa da (org.). **Histórias Sociais do Trabalho**: usos da terra, controle e resistência. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

_____. **Construção do eldorado maranhense: experiências e narrativas de migrantes nordestinos no Médio Mearim-MA (1930-1970)**. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em História Social, 2015. (Tese de Doutorado)

FETAEMA. Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Maranhão. **40 Anos**. Maranhão: FETAEMA, 2012.

FINGERE, E.R. **Setor Mineral: Estratégia Brasileira de Inserção Mundial Competitiva**. Anais do VII Congresso Brasileiro de Mineração, maio de 1997, p. 27-58.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da Mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HERMANN, Jaqueline. **História das Religiões e Religiosidades**. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion (Orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. In: 10º Encontro da Rede Alfredo de Carvalho (ALCAR), 2015, Porto Alegre. 10º Encontro Nacional de História da Mídia (ALCAR), 2015.

MEC. **Educação Profissional: Referenciais curriculares nacionais da educação profissional de nível técnico**. Brasília, 2000.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. **Nomadismos contemporâneos: um estudo sobre errantes trecheiros**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

NETO, Vitale Joanoni. SANTOS, Júlio Cesar dos. Práticas de violências na fronteira: estudo sobre os garimpos de diamante em Juína, MT (1987-1994). *História: Debates e Tendências* – v. 18, n. 2, maio/ago. 2018, p. 214-228. Disponível em: [file:///C:/Users/George/Downloads/Dialnet-PraticasDeViolenciasNaFronteira-6558238%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/George/Downloads/Dialnet-PraticasDeViolenciasNaFronteira-6558238%20(3).pdf). Acesso em: 20 de jun. de 2019.

PASSOS, Messias Modesto dos. **Mundo do Garimpo**. Disponível em: <https://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx>. Acesso realizado em: 04 de jan. de 2018, às 20:10h.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 132p. (Coleção História &... Reflexões,5)

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **O Massacre de Chivitella Val di Chiana. (Toscana, 29 de julho de 1949): mito, política, luta e senso comum**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.) Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

POVOA-NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para a análise. *Experimental*, São Paulo, v.2, n.2, p. 11 a 24, 1997.

RABELO, Maria Aurora de Meireles. **O materialismo histórico de Thompson e a problemática dos movimentos sociais**. In: História e perspectivas: história e historiografia. Curso de História da UFU, nº06, 1992. P. 67- 88.

REGIÃO NORTE. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br>. Acesso realizado em: 22 de jan. de 2018, às 10:00h.

SESPA - Secretaria Estadual de Saúde Pública (1988): **Avaliação da degradação ambiental nas áreas de extração de ouro no Estado do Pará, relatório parcial, Belém** (IDESP), mimeo.

SOARES, Vinícius. **MIGRAÇÃO EM TEMPOS DE MECANIZAÇÃO: o processo de inserção de migrantes maranhenses no trabalho canavieiro no município de Pradópolis/SP.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão – UFMA: 2014.

SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

TEDESCO, Leticia da Luz. **Atores sociais na batalha: estigma e cidadania entre prostitutas, através de uma ONG em Porto Alegre.** Trabalho de Conclusão (Graduação em Ciências Sociais), Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria – ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981.

WANDERLEY, Luiz Jardim. **Geografia do Ouro na Amazônia brasileira: uma análise a partir da porção meridional,** Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

➤ **JORNAIS:**

Cid Carvalho condena o fechamento do garimpo. Jornal O Imparcial, São Luís, 04 de set. 1983.

Cid Carvalho Defende outra vez, a Serra pelada. Jornal O Imparcial, São Luís, 04 de set. 1983.

Cid protesta contra o fechamento do garimpo. Jornal O Imparcial, São Luís, 14 de set. 1983.

Deputado pede ao presidente para não afastar garimpeiros. Jornal O Imparcial, São Luís, 17 de set.1983.

Garimpo “Chega Tudo” sob ameaça de invasão. Jornal O Imparcial, São Luís, 01 de set.1983.

Homem é assassinado no “Garimpo da Serrinha”. Jornal O Imparcial, São Luís, 21 de set. 1983.

Mascarados atacam garimpeiros em Serra Pelada e levam jóias. Jornal O Imparcial, São Luís, 28 de set. 1983.

Ouro em Carutapera causa forte Tensão. Jornal O imparcial, São Luís, 01 de set. 1983.

Perícia constata que desabamento de Serra Pelada foi proposital. Jornal O Imparcial, São Luís, 10 de Set. 1983.

Tensão no Garimpo de Carutapera. Jornal O Imparcial, São Luís, 01 de set. 1983.

➤ **FONTES ORAIS:**

Antônio Vale Cantanhede, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

Codado Jair de Queiroz, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

Edmilson Candido dos Santos, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

Elias Vieira de Sousa, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

Eugênio Nunes, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Maio de 2018.

João Batista Aguiar, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

José dos Santos Moura, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

José Felipe Medeiros, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

José Ribamar Silva, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Maio de 2018.

Manoel Alves Ferreira, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

Maria Dalva Lemos de Aguiar, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

Maria de Nazaré Carvalho Rosa, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

Raimundo Chagas de Almeida, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

Raimundo Nonato Sousa da Silva, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

Raimundo Sousa Queiroz, entrevista realizada na cidade de Bacabal - MA em Agosto de 2017.

APENDICE

Apêndice 1 - Breve biografia dos entrevistados

Antônio Cantanhede – Nasceu no Maranhão em 1940, na cidade de Vitória do Mearim-(MA). Seus pais também são naturais de Vitória do Mearim. Seu pai trabalhava de roça e concomitantemente trabalhava nas fazendas como vaqueiro e sua mãe desenvolvia a atividade de quebradeira de coco. Ao migrar para a cidade Bacabal- (MA), Antônio Cantanhede junto de sua esposa, levam alguns recursos. Por meio desses recursos, Antônio Cantanhede e sua esposa conseguem sobreviver por um bom tempo na cidade. Após um tempo esses recursos acabam, e passam a viver então com dificuldades. Influenciado por alguns amigos e envolto pela necessidade de sobrevivência, o migrante busca então se aventurar nas terras dos garimpos, deixando sua esposa e uma filha na cidade de Bacabal-(MA). Cantanhede trabalhou nos garimpos do Cumaru, Serra Pelada e Maria Bonita, para ele o garimpo nada mais é do que um lugar de trabalho pesado, sem perspectivas positivas e cheio de doenças. Ao retornar para junto de sua família, no Maranhão, trabalhou como vaqueiro, durante dez anos em uma fazenda localizada no povoado Muriçoca, zona rural de Bacabal. Compartilhou conosco um pouco de sua experiência de vida e do seu trabalho nos garimpos da região Norte do Brasil. Comenta com muito amor e afeto sobre a presença e importância de sua esposa e dos seus filhos durante toda sua trajetória de vida. Sua esposa, já falecida também era maranhense, tiveram seis filhos e os criaram com muita dificuldade. E ao finalizar a entrevista rememora por meio de uma foto (da esposa) a importância que a mesma teve para a concretização do seu retorno para casa.

Duração: 36 minutos

Ari – Nasceu no Piauí em 1948, migrou para Bacabal em busca de proporcionar um futuro melhor para seus filhos. Aos 32 anos de idade, Ari teve sua primeira experiência com o garimpo, se deslocando para a atividade de mineração em Serra Pelada. Seu pai e sua mãe trabalhavam com roças de milho, mandioca e cana de açúcar. Em seus relatos de memória descreve que trabalhou muito na fabricação de Cachaça e Rapadura. No decorrer da entrevista, o migrante realça e fortalece a sua contínua ligação com o garimpo de Serra Pelada. Refere-se ainda às notícias sobre o que aconteceu nas décadas de ouro da mineração. Faz alusão também às diversas vezes que participou de reuniões e protestos em prol dos direitos dos garimpeiros que trabalhavam em Serra Pelada. Hoje ele vive na luta e na expectativa de conseguir reparar várias injustiças que o garimpo lhe trouxe. É proprietário de um ponto de venda de calçados no mercado central da rodoviária de Bacabal-(MA), conseguiu contribuir com a educação de seus filhos, é confiante e fala que pretende terminar seus dias junto de sua companheira, almejando

também voltar para zona rural. Para o mesmo, a vida na cidade é muito corrida e ele prefere o sossego do campo, o canto dos pássaros e por fim cuidar de sua terra, em um povoado situado nas redondezas de São Luís Gonzaga-(MA).

Duração: 53 minutos

Curuá – Nasceu em setembro de 1954, as dezoito e trinta de uma Quarta-Feira, no povoado Barroão, município de São Luiz Gonzaga (MA). É filho de pai falecido, que não o conheceu. Logo cedo, teve que criar os irmãos, a mãe e a avó que sofria de uma deficiência visual. O plano de migrar para o garimpo não visava enriquecer, em primeiro momento, mas sim escapar, “criar minha família que dependia de mim na cidade de Bacabal”. Por meio da sua narrativa, podemos perceber que sua família passou por muitas dificuldades. Sua mãe era natural do Ceará, da cidade de Brejo Santo e buscou por meio da migração para a região do Médio Mearim garantir a sobrevivência de todos. Curuá na época em que migrava, não era casado, para ele não seria bom para a esposa ficar sozinha na cidade de Bacabal. Narra que viajou muito, que trabalhou em vários garimpos como Maria Bonita, Cumaru, Mamual, Grotta de Areia (município de Peixoto de Azevedo), Satélite, Castelo do Sonho, ambos situados no Pará e no garimpo situado na margem do Rio Curuá. Migrou também para garimpos na Venezuela. Relata que andou quilômetros a pé, de carro, e até de avião, sua passagem pelo garimpo nunca era de fixação, sempre retornava para sua família. Relata as dificuldades enfrentadas na lida com o trabalho dentro dos barrancos e se entristece por não poder mais voltar ao lugar de onde tirou todos os seus bens atuais. Com a migração para o garimpo Curuá conseguiu tudo o que ele queria, em meio aos seus relatos, ele sempre agradece primeiramente a Deus e depois ao garimpo do Curuá, localizado na beira do rio Curuá e representado como sua fonte de prosperidade. Este personagem dedicou cerca de vinte e dois anos de sua vida para a vida no garimpo, sempre alimentado pela experiência e envolvimento pelo gosto e necessidade de sobreviver. Logo cedo teve como desafio as responsabilidades de criar sua familiar e hoje se sente maravilhado pelo fato de possuir um de seus irmãos formado e todos os outros bem encaminhados na vida. Hoje é casado, possui uma vida mais tranquila, mas se pudesse ter a oportunidade de voltar a pisar nas terras do garimpo de novo, ele faria, não mais pra ser mão de obra, mas sim para agradecer.

Duração: 42 minutos

Raimundo Queiroz – Nasceu em 1942 em Boa Vista, povoado do município de Bacabal-(MA). Criado na zona rural durante boa parte de sua infância, ele relata que chegou um período em que teve que se mudar pra cidade de Bacabal-(MA), acompanhado dos pais e mais três irmãos, buscando constantemente, melhorarias de vida. Narra que sua família trabalhava na roça e ele

contribuía ajudando o pai nos trabalhos do campo e na venda de verdura, sua mãe ficava em casa cuidando dos outros irmãos. Quando migrou para o garimpo de Serra Pelada, já era casado e pai de três filhos, seus filhos e sua esposa ficaram na casa dos seus pais, ele relata que sua sogra também contribuiu bastante para o seu deslocamento. Migrou para o garimpo de Serra Pelada em 1980, onde foi dono de barranco por oito anos. Teve um sócio que faleceu tempos depois de sua estadia no garimpo devido às doenças ali adquiridas. Após a morte do sócio, retornou para a casa dos pais no Maranhão. Cerca de quatro meses depois, voltou a migrar, dessa vez para o garimpo de São Francisco, localizado no sul do Pará, onde permaneceu por seis meses. Para o mesmo, o garimpo foi uma perda de tempo, um poço de falsas esperanças e de uma riqueza momentânea, a malária é constantemente retratada como um obstáculo para muitos migrantes que buscam nos campos do garimpo se aventurar. A tristeza resplandece em seu rosto ao relembrar muitos amigos que foram soterrados tentando bamburrar, segundo ele a vida de garimpo não é nada fácil! “Viver jogado pelo mundo, dormindo a céu aberto e debaixo de chuva e no meio da floresta, não é vida pra ninguém. E chuva, que molhava tudo, era uma agonia do cão.” Sua alegria estava no retorno para casa, pois era nesse momento que sua esposa lhe recebia muito feliz e de braços aberto, e era o momento em que ele poderia tocar nos filhos, alguns nascidos no período em que ele estava garimpando.

Duração: 40 minutos

Elias – Nasceu no Ceará em 1952, na cidade de Boa Viagem. Em 1953, seus pais se separam e ele juntamente com sua mãe e seus quatro irmãos vão morar na cidade de Bom Lugar (MA). Envoltos pela necessidade de sobrevivência e com uma mãe sofrendo de deficiência visual, todos os filhos buscaram na roça e na venda de verdura escapar das condições difíceis em que viviam. O garimpeiro tem seu primeiro contato com as terras de garimpo logo aos vinte e nove anos, na expectativa do enriquecimento, por meio das fofocas disseminadas sobre a vida no garimpo e nos rastros da vontade de bamburrar. Migrou para o garimpo de Serra Pelada, onde passou alguns meses e pode perceber o quão sofrido era a vida de um homem “largado no mundo”. Casado e pai de cinco filhos, Elias relata que a primeira vez que adentrou o garimpo de Serra Pelada foi barrado pela Polícia Federal, pelo fato de não possuir a carteira de garimpeiro, nesse período, a vigilância dentro do maior garimpo dos anos oitenta era constante. Depois de um ano, Elias retorna novamente ao garimpo onde trabalha desde o dia dezanove de março do ano de oitenta e um até o dia dez de outubro do mesmo ano. No decorrer desse período, o migrante passou o inverno em casa e o verão no garimpo. Ele relata que viveu em busca de bamburrar cerca de cinco anos e não conseguiu nada. Na realidade, até hoje ainda

espera por um direito que unifica todos os garimpeiros de Serra Pelada. Hoje trabalha no mercado central da cidade de Bacabal - MA, cria seus filhos e não se arrepende de tudo o que passou na vida de garimpeiro, só lamenta a perda de vários amigos para os soterramentos e a malária no período em que esteve no garimpo, e pede a Deus e a Nossa Senhora que lhe ajude sempre a criar seus filhos.

Duração: 60 minutos

Codado – Migra a primeira vez para o garimpo Novo Cruzado localizado próximo a cidade de Boa Vista, Roraima. Tem acesso às primeiras experiências com o garimpo nos 90, e define esse espaço a partir de três palavras chaves: sofrimento, malária e coragem. Afirma que grande maioria dos migrantes era dos estados do Maranhão, Ceará, Piauí e Goiás e que entre esses homens também existia a presença de mulheres (cozinheiras) nesses garimpos da década referente aos anos noventa. Relata sobre algumas doenças existentes dentro dos garimpos pelos quais ele passou. Narra que os migrantes nordestinos que adentravam os garimpos eram homens que buscavam escapar das difíceis condições em que viviam, e destaca a vigilância constante da Polícia Federal. Depois desse período, retorna para sua casa (alugada) no Maranhão, onde permanece por cerca de dois anos e seis meses. Nesse período em que esteve fora, acontece o nascimento de seu primeiro filho. Rememora também a segunda vez que migrou para o garimpo, desta vez um garimpo conhecido pelo nome de Trombeta, localizado entre as divisas de Roraima, Amazônia e Guiana Francesa. Hoje trabalha como taxista e conseguiu comprar sua casa, tudo isso fruto do dinheiro do garimpo. O migrante representa o garimpo como um lugar de aventura, lugar de sofrimento, lugar de muito trabalho e aprendizado, onde se tem que ter muita coragem pra ir rumo á ele. Finaliza a entrevista relatando os motivos que o fizeram rumar para o garimpo e a importância que o mesmo fez na sua vida, escolhendo migrar para um garimpo muito longe, relatando que a vontade de ganhar dinheiro faz com que o homem perca o medo de qualquer coisa.

Duração: 48 minutos

João Batista Aguiar - Nasceu em junho de 1945, no povoado Caréma, interior de Santa Rita (MA). Seus pais também são naturais de Santa Rita (MA). Seu pai trabalhava de roça e concomitantemente trabalhava nas fazendas como vaqueiro e sua mãe desenvolvia a atividade de quebradeira de coco. Migra para a região de garimpo duas vezes, uma em 1981 aos vinte cinco anos de idade e a outra em 1982. Seu irmão mais velho já vivia no garimpo e foi quem fez o convite para João Batista, justificando que seria trabalhando nos garimpos do Mato Grosso

que João Batista iria enriquecer. O migrante relata que sua esposa lhe ajudou muito dando força para que ele fosse garimpar. Aproveitando os 30 dias de férias que a empresa lhe disponibilizou e somando a vontade de brincar, viajar e conhecer novos lugares, João Batista se deslocou para o garimpo chamado Projeto Cumaru, relatando que levou pouco dinheiro pra viagem e este não deu para chegar ao garimpo. No meio do caminho acabou adentrando um percurso de mata fechada, onde ele e mais 15 amigos, todos da cidade de Bacabal (MA) percorreram muitas léguas até chegar ao devido destino. Chegando à cidade de Redenção, localizada no Pará, o migrante sem dinheiro e com muita fome encontrou outro garimpeiro que o ajudou dando dicas de como conseguir se alimentar e arrumar um trabalho. Depois de alguns dias no garimpo, João Batista conhece um conterrâneo do Piauí, da cidade de Teresina. O migrante relata que o companheirismo dentro do garimpo era notório, e por meio dessa amizade, o indivíduo que coincidentemente era dono de um barranco lhe arranhou um serviço com a função de garimpar, um trabalho que era ligado diretamente à extração de ouro dos barrancos. No decorrer do trabalho exaustivo e cheio de perigos, ocorreu um problema no maquinário que auxiliava os garimpeiros na extração do ouro, o dono do barranco estava viajando e com isso os serviços pararam, João Batista, como entendia dos serviços de mecânica, acaba concertando o maquinário e, com isso, consegue passar da função de catador de pedra para mecânico do maquinário, reduzindo o trabalho pesado proporcionado pela jornada exaustiva da estrutura do garimpo. O migrante narra que ganhou uma grande quantidade de dinheiro, que, segundo ele, nunca tinha visto na vida. O medo da malária e a saudade dos filhos e da esposa são decisivos para que João Batista opte pelo retorno para cidade de Bacabal Maranhão. Chegando ao local de destino seu João Batista comprou geladeira, televisão, móveis e construiu sua casa. Posteriormente ele migra para região de Mato Grosso onde adentra uma região de garimpo conhecida como novo satélite, passou quatro meses nesse garimpo. Devido às poucas condições que tinha, acabou, de novo, passando por necessidade na viagem. Quando chegou em Alta Floresta, ele conseguiu se comunicar com seu irmão que era dono de um hotel na Currutela do garimpo de novo satélite na região de Mato Grosso. Um tempo depois, seu irmão foi morto por questões relacionadas à garimpagem. Desde então, João Batista se desencantou de viajar para o garimpo. Segundo ele, todo garimpo é violento, ele representa o garimpo como um lugar muito perigoso e sem humanidade, uma terra de muitos mortos, enterrados como desconhecidos, um lugar produto da ganância humana, produzindo a dor da dúvida em muitas; a famílias dos homens que não puderam mais retornar para suas casas, um lugar onde “a bala podia cantar nos ouvidos a qualquer momento”.

Duração: 62 minutos

Múndico do Limão – Nasce em Bacabal, Maranhão, em 1953. Posteriormente migra para o interior conhecido como Alto-Fogoso, nas proximidades do Município de Bacabal-(MA). Vem de uma família de camponeses que vivia da roça de milho, feijão, arroz e mandioca. Seu primeiro contato com o garimpo foi no ano de 1982, migrando para o garimpo de Serra Pelada. Mundico do Limão é mais um de muitos pequenos produtores agrícolas que não conseguiram bamburrar no garimpo, retornando para suas casas e recorrendo a antiga profissão exercida pelos pais. Ele relata que foi tentar a sorte no garimpo de Serra Pelada, algo que não deu muito certo, pois o controle nesse período dos anos oitenta era constante. Recorda que trabalhou na área da Serra Velha, no barranco chamado “Serenó”, o migrante não ganhou muita coisa, relata que passou a trabalhar na diária para ver se conseguia arrecadar um valor para vir embora para casa. Seu pai e sua mãe eram contra o deslocamento dele para o garimpo, mas os motivos do rumar para o garimpo gritava mais alto do que o respeito pela decisão dos pais. O motivo consistia em tentar melhorar o suporte de vida de sua família, buscando melhores condições para sustentar a mulher e criar seus dois filhos. Por meio de seus relatos, é possível mapear que o dinheiro que ele conseguiu no garimpo não deu para melhorar quase nada das condições em casa, mas pelo menos, conseguiu pagar umas contas. Mundico do Limão migrou duas vezes para o garimpo, a primeira vez passou oito meses no garimpo de Serra Pelada e a segunda passou quatro meses no garimpo da Cutia. No decorrer da entrevista descreve um pouco sobre o trabalho no garimpo. Segundo ele, a meta por dia para cada garimpeiro era de carregar vinte sacos de pedra nas costas, até o ponto determinado geograficamente pelo dono do barranco. Narra que foi “furando”, ou seja, de forma ilegal aos olhos da burocracia instituída no garimpo no período de Ditadura Militar. As barreiras condicionadas pela Polícia Federal transformou sua viagem ainda mais perigosa e exaustiva. Relata que ao chegar à beira do Rio Vermelho, um rio que cortava o acesso ao garimpo de Serra Pelada, avistou uma ponte, no fim dessa ponte, tinha uma guarita onde estava a Polícia Federal. Segundo o migrante essa guarita era um dos mecanismos de controle de entrada no garimpo: só passava quem tivesse a Carteira "Amarela", uma forma de passaporte para adentrar legalmente no garimpo de Serra Pelada. Devido a esse problema Mundico do Limão junto com seis companheiros resolveu cortar caminho por dentro da mata fechada, num primeiro momento teriam que atravessar o Rio Vermelho e posteriormente entrar na mata fechada para assim tentar burlar a segurança velada do garimpo. O primeiro migrante(companheiro), nadou até a outra margem do rio, levando consigo um cipó, chegando na outra margem, amarrou o cipó em uma árvore, assim, facilitando a travessia dos demais. Ao atravessar o rio, o perigo se tornava cada vez mais eminente, pois a qualquer

momento ou em qualquer descuido a Polícia Federal poderia avista-los e expulsá-los do garimpo. Já do outro lado, todos os seis homens incluindo Mundico do Limão, tinham que se esconder em meio à mata fechada, caindo em cima de formigueiros e até mesmo de espinhos. Dentro da mata fechada, eles esperavam até chegar o momento certo de finalmente adentrar as terras do tão cobiçado garimpo de Serra Pelada. Quando estavam dentro do garimpo, a situação melhorou, a quantidade e o fluxo de muitos homens contribuía para que Mundico do Limão e seus companheiros se misturassem e assim passassem despercebido em meio ao “formigueiro” humano. A vigilância o medo e a ordem dentro do garimpo de Serra Pelada constantemente dificultava o acesso de muitos garimpeiros que compartilhavam da categoria de “furões”: havia uma grande diferença entre quem possuía a carteira de garimpeiro e quem não possuía. No caso, os furões tinham que constantemente andar por dentro da mata fechada e não podiam ser pegos pela polícia, pois eram imediatamente expulsos do garimpo ou recebiam punições severas, retornando para suas famílias sem nada e com muita vergonha. Hoje Mundico do Limão trabalha como vendedor de limão na cidade de Bacabal-(MA), na área do mercado central, próximo à rodoviária da cidade, é pai de seis filhos e avô de nove netos. Nos dias de quarta adora jogar bola com os amigos e representa o garimpo como um lugar de sorte ou azar, onde muitos buscam melhorar a vida, conseguir quem sabe alguma coisa para o sustento da família.

Duração: 30 minutos

Manuel Ferreira – Nasceu em 1952, em São Luis Gonzaga –(MA). Filho de pais lavradores começou a trabalhar muito cedo. Teve sua primeira experiência com o garimpo no ano de 1982, trabalhou garimpando por cerca de seis meses no garimpo de Serra Pelada, deixou em Bacabal-(MA) a esposa e seus dois filhos, um filho com dois anos incompletos e uma filha ainda dentro da barriga da mãe. Na garimpagem, relata que não conseguiu nada, apenas uns trocados que não deu nem pra viagem de retorno. Narra que o trajeto para o garimpo foi bastante cansativo e cheio de obstáculos, um deles era a Polícia que constantemente reforçava os mecanismos de vigilância, segundo ele, principalmente na entrada. Relata que só conseguiu chegar até na região conhecida como Trinta, recorrendo desde então ao caminho da mata fechada, por não possuir carteira de garimpeiro, as dificuldades aumentavam cada vez mais. Dentro do garimpo recorda que era muito mais vantajoso trabalhar no esquema da porcentagem, era muito mais rentável do que a diária e salienta a importância do companheirismo dentro do garimpo de Serra Pelada. No período em que esteve dentro do garimpo sinaliza que era muito raro algum garimpeiro bamburrar, pouquíssimos conseguiam alcançar essa proeza. Sobre como era à moradia dentro do garimpo narra que era apenas uma estrutura simples de madeira e uma lona que o protegia

da chuva, despertava bem cedo para o trabalho e tinha uma alimentação bem reforçada para aguentar o “rojão” que era trabalhar no garimpo. Mulher, segundo ele, era algo raro de se ver e a comida era feita por um dos homens que habitavam o “rancho” dos garimpeiros, conhecido como “barriga de óleo”. Hoje reside na cidade de Bacabal-(MA), trabalhava como vendedor autônomo, está no seu terceiro casamento, seu pai faleceu no período em que esteve no garimpo e sua mãe reside na cidade de Alto Alegre-(MA). Segundo ele, o garimpo é para os fortes e destemidos que não tem medo da vida.

Duração: 20 minutos

Raimundo de Almeida (Benédito) – Nasce em Livramento, cidade localizada no Estado do Maranhão, no dia 15 de Janeiro de 1940. Teve cinco irmãos. Migra a primeira vez com 16 anos, para a cidade de Teresina-(PI). Narra que posteriormente acaba rodando quase todo o Brasil, se caracteriza como um “caboclo dirmantelado”, conhecendo cerca de doze capitais brasileiras. Atribui a migração para o garimpo em decorrência de se aventurar em terras diferentes, com pessoas diferentes e trabalhos diferentes. Só retornando para sua família quando tinha trinta anos de idade, casado e pai de dois filhos. No Maranhão, o pai trabalhava como lavrador e sua mãe cuidava da casa, dos outros irmãos e quebrava coco para ajudar no sustento. Sua primeira experiência foi no garimpo de Serra Pelada, segundo ele Serra Pelada era um local rico em ouro e cheio de homens de várias regiões, conheceu gente de fortaleza, do Ceará, muitos do Maranhão, Recife e Goiânia. Descreve com exatidão as formas de trabalho dentro do garimpo de Serra, que ocorriam da seguinte forma: O migrante que buscava aventurar-se no garimpo, seja por meio da sorte de ganhar dinheiro ou apenas compartilhar de uma nova experiência de trabalho, deveria ser fichado pelo dono do barranco. Para Raimundo de Almeida o dinheiro do garimpo é um dinheiro abençoado. O dono do barranco era o sujeito que contribuía com todas as despesas dentro do garimpo. Ele contratava dez homens para trabalhar em um barranco e seguia o esquema conhecido como meia-praça, no que condiz a todo o lucro do ouro obtido em determinado barranco, o dono do barranco ganhava 50% da produção e os garimpeiros com cerca de 5% da produção, esse cálculo era realizado a partir dos 100 % calculados em cima do valor total de produção do barranco. Raimundo de Almeida relata que logo quando souberam que ele sabia cozinhar colocaram-no para cozinhar, fazendo todas as refeições dos trabalhos, segundo ele a presença feminina ainda não existia. Rememora que a refeição dentro do garimpo era arroz, feijão e carne. Segundo ele o alimento feijão era muito difícil de ser cozinhando, as preferências eram constantemente para as carnes, batata tomate e cebola também faziam parte

do cardápio. Perpassa em sua narrativa constantes relatos de violência dentro do garimpo, e a importância da Polícia Federal sempre controlando as brigas, os roubos e as mortes. Relata que em muitos casos os policiais expunham o ladrão para todos os garimpeiros, “levanta a cara vagabundo, tem que mostrar tua cara, tem que mostrar quem tu és”. Raimundo de Almeida trabalhou em Serra Pelada de 1980 até 1984, hoje é aposentado por idade e ler todo dia a Bíblia e é devoto de São Francisco.

Duração: 57 minutos

José Ribamar Alves – Nasceu em 1950 no povoado Promissão, localizado nas proximidades da cidade de São Luiz Gonzaga - MA. Seu pai que era lavrador, migra no ano de 1953 com a família (esposa e 4 filhos) para Alto Alegre - MA. Posteriormente os planos de busca por trabalho seguiram para Bacabal-(MA). Desde criança foi criado na cidade de Bacabal-(MA). Não conheceu seu pai biológico, segundo ele, foi criado pelas mãos de outro homem, que não deixava de também ser um pai. Com 33 anos de idade, especificamente no ano de 1983, Ribamar Alves migrou para o garimpo, conheceu os garimpos de Serra Pelada, Cumaru e Maria Bonita. A partir dos relatos desse migrante foi possível identificar algo diferente, diante de todas as outras entrevistas, segundo ele, surgiu dentro do garimpo um sistema separatista das funções que cada garimpeiro desenvolvia, tais funções eram correlacionadas com algumas cores como vermelho, azul, amarelo e etc. para ele o garimpo é representado como um lugar construído a partir de fofocas, fofocas em torno da aparente chance de bamburrar e enriquecer. Relata que no garimpo ele passou muitas necessidades e que muitos homens acabaram perdendo a vida na busca do ouro, perpassa em seu relato a ideia de um garimpo onde, “se você tiver a sorte, de encontrar o ouro, tudo bem! Mas se não, você vai só sofrer”. Hoje reside na cidade de Bacabal, sente-se muito feliz em ainda poder estar vivo e não tem vontade nenhuma de um dia voltar a pisar nas terras de garimpo.

Duração: 56 minutos

Eugênio Nunes – Nasceu em Chapadinha-(MA). Seu pai e sua mãe são oriundos de Pernambuco-(PE), relata que seu pai trabalhava como funcionário público do Estado do Maranhão e sinaliza que logo cedo foi separado de sua mãe. Seu pai migra para a cidade de Chapadinha-(MA) e posteriormente para a cidade de Bacabal-(MA). Eugênio Nunes trabalhou em Cartórios, trabalhou na Câmara Municipal de Bacabal, e no IBGE, desenvolvendo a função

de datilógrafo. Narra que sua ida para o garimpo se deu de forma arrumada. Por meio dos contatos e da fama de seu pai, ele conseguiu entrar pra equipe de pessoas que se deslocavam para o garimpo de Serra Pelada no intuito de regularizar burocraticamente as estruturas políticas do garimpo. Recorda que foi chamado pelo sujeito Antônio Mânico, que tinha contato com os sócios e donos de barranco dentro do garimpo de Serra Pelada. Eugênio Nunes recorda que nesse período foi enviado junto com ele para o garimpo, maquinas de calcular, maquinas de escrever, dentre vários outros mantimentos que confeccionavam as carteiras dos garimpeiros. Segundo ele, foi por meio dessas carteiras que muitos homens que lá residiam, puderam ter acesso a uma assistência básica de vida. Por meio de seu relato, podemos identificar que sua função dentro do garimpo foi de sindicalizar os garimpeiros. AGAMA, Associação dos Garimpeiros do Maranhão foi umas das organizações onde ele desenvolveu seu trabalho, organizando os documentos e despachando ofícios, registros e balanços, de certa forma realizando questões administrativas dos sócios e proprietários de barranco. Trabalhou cerca de dois anos, tudo pago pelo governo desde a passagem até as acomodações. Eugênio Nunes relata que conseguiu confeccionar cerca de mil carteiras de garimpeiros. Compartilhou conosco que parou de ir para o garimpo, depois que o índice de violência aumentou dentro de Serra Pelada. Hoje é aposentado por tempo de serviço, por meio do serviço nas associações de garimpeiro e pai de três filhos e avô de dois netos. Para Eugênio Nunes, o garimpo é configurado como um espaço de experiências e novidades, um lugar de aprendizados diversos.

Duração: 50 minutos